

Os trabalhos (T) são constituídos pelo objeto construído (O) e pelo respetivo Diário de Bordo (DB), sendo que a cada trabalho foi atribuída uma cota (c.).

A cada trabalho corresponde um título atribuído pelos seus autores. Uma vez que há trabalhos com o mesmo título, a correta identificação do trabalho deverá ser feita pelo título e respetiva cota.

Os trabalhos são devidamente identificados pelo nome da escola, da instituição de pertença, dos professores e dos alunos.

# CASA-FUTURO

Projeto Criar com Escolas 2018/2019

# Índice



<b>Apresentação</b>	7
Serviço Educativo	
<b>Projeto Criar com Escolas 2018/2019</b>	11
Descrição e defesa do tema	
Álvaro Domingues	
<b>Preparação</b>	23
Formação para professores e educadores	
Elvira Leite	
<b>Oficinas escolares</b>	29
<b>Exposição coletiva</b>	39
<i>CASA-FUTURO</i>	
<b>Trabalhos individuais</b>	49
<b>Testemunhos</b>	79
<b>Participantes</b>	95
<b>Formadores</b>	107
<b>Ficha técnica</b>	111

# Apresentação

## APRESENTAÇÃO

### Serviço Educativo

O Portugal dos Pequenitos, obra imaginada pelo Professor Bissaya Barreto e projetada pelo Arquiteto Cassiano Branco, foi concebido como um local onde a criança pudesse brincar e simultaneamente aprender. Entendeu a Fundação Bissaya Barreto, proprietária deste parque temático, apostar num Serviço Educativo que ampliasse o seu potencial lúdico e de aprendizagem, mediante uma programação diversificada que procura incentivar a criação de hábitos culturais e aumentar a diversidade da oferta de atividades para todos os públicos.

O Serviço Educativo é um espaço aberto à reflexão, ao diálogo, ao debate e à experimentação criativa no âmbito da educação e cultura, procurando desenvolver abordagens interdisciplinares, lúdicas e construtivistas e promover valores de cidadania. São diversas as atividades lúdico-pedagógicas aqui realizadas, designadamente, visitas, oficinas e projetos, tomando por referência o património cultural do Portugal dos Pequenitos em distintas áreas, nomeadamente, história, arquitetura, artes e meio ambiente, tratadas numa perspetiva crítica e atualizada.

Procurando servir um largo espectro de utentes, desenvolvem-se atividades específicas para crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas com necessidades especiais.

### *Casa-Futuro*

O Projeto *Criar com Escolas* tem como principal objetivo reforçar a articulação do Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos com as escolas, através de um trabalho contínuo e em parceria. No âmbito deste projeto, é apresentado, anualmente, um tema para ser desenvolvido por alunos e respetivos professores e educadores, utilizando preferencialmente a metodologia de projeto e abrangendo mais do que uma disciplina.

No final do projeto, os trabalhos realizados pelas escolas participantes são mostrados ao público, numa exposição coletiva, acompanhada de catálogo, patente no Portugal dos Pequenitos. Cada trabalho apresentado é composto pelo objeto construído e o respetivo Diário de Bordo, que dá a conhecer o processo de investigação que esteve na origem da definição desse objeto.

Como forma de enriquecer este processo e aprofundar conteúdos e técnicas, o Serviço Educativo disponibiliza formação creditada — sob a forma de oficinas e seminários que decorrem ao longo de cada ano letivo — a professores e educadores das escolas públicas e privadas, em parceria com os Centros de Formação Associados de Escolas.

Por outro lado, é concebido um conjunto de oficinas específicas — destinadas aos alunos — tendo em consideração os pressupostos do trabalho a desenvolver no âmbito das temáticas de cada projeto.

*CASA-FUTURO*, foi o tema do projeto desenvolvido no ano letivo 2018/2019. Este projeto visou sensibilizar os participantes para a arquitetura na sua relação com a paisagem, no passado e no presente, desafiando-os a perspetivar novas relações em futuros mais ou menos lon-

gínquos, tendo em consideração a sustentabilidade ambiental, entre outros temas da atualidade transversais às orientações e programas escolares.

Que materiais se encontram nas construções antigas e modernas, como se caracterizam quanto à sua origem (natural ou sintética) e às suas propriedades, nomeadamente, organeléticas (cor, cheiro, sabor, brilho, textura)? Os materiais das construções do futuro deverão obedecer a requisitos especiais?

Tradicionalmente, as casas eram construídas com materiais obtidos em locais próximos — como é o caso da pedra, do barro, da areia, da madeira, da palha — ou de produção simples, nomeadamente, tijolo, adobe, cal, ferro forjado e até vidro.

Na sequência da Revolução Industrial, no séc. XX difundiram-se novos materiais, produzidos e transformados industrialmente — designadamente, cimento, betão armado, aço, ferro fundido, alumínio, borracha, resinas sintéticas, aglomerados, vidro temperado e novos produtos cerâmicos —, que permitiram construir mais rapidamente e ensaiar formas arquitetónicas totalmente inovadoras.

Presentemente, há uma preocupação crescente com a defesa do ambiente, das pessoas e dos animais que passa obrigatoriamente pelos materiais a utilizar nas construções, exigindo-se que sejam ecologicamente sustentáveis, recicláveis e cada vez mais reciclados.

A sociedade em geral e, muito particularmente, a escola têm de preparar as crianças para a discussão desses temas e para a intervenção no desenho dos lugares em que habitam e na qualidade dos produtos, pois a participação cidadã ativa no governo local é um processo em crescimento e de direito próprio. Trata-se de temas

que é possível abordar em contexto escolar, de acordo com as orientações da educação pré-escolar, dos programas curriculares do ensino básico e de aprendizagens substitutivas.

Foi com muita satisfação que se contemplaram as múltiplas respostas ao projeto. Comum a todas, a afirmação de que uma casa é indispensável às pessoas, mas ficou bem visível a consciência que muitas destas crianças e adolescentes possuem de que o mundo está em mudança. São as alterações climáticas, o lixo, o desperdício, a poupança energética, os desastres naturais, a insegurança, as deslocações frequentes, traduzidas ou meramente sugeridas em casas enterradas, em casas anfíbias, nas que se deslocam na terra, no ar ou na água, nas que se afirmam ecológicas/sustentáveis energeticamente, nas preparadas para resistirem à seca ou aos sismos, nas dotadas de sistemas contra incêndios e intrusão.

Para exibir os trabalhos, foram concebidas duas estruturas (uma delas de grandes dimensões), representativas de um território formado por uma parte continental e outra insular, à semelhança do território português, na qual os elementos água, terra e vegetação estavam identificados com cores. A distribuição das obras foi organizada de acordo com os níveis de ensino das escolas participantes e dos contextos retratados em cada trabalho.

A 2.<sup>a</sup> edição do Projeto *Criar com Escolas*, no ano letivo 2018/2019, contou com mais de 200 trabalhos que envolveram cerca de 1000 alunos de escolas públicas e privadas, da educação pré-escolar, do ensino básico e da educação especial. Este catálogo é um breve testemunho do que foi o projeto/exposição *CASA-FUTURO*.

# Projeto Criar com Escolas 2018/2019

Descrição e defesa do tema

## A casa do futuro

Álvaro Domingues\*

### 1. A casa

Mais do que uma realidade claramente objectivável, a casa, a dos vivos, entenda-se, é um arquétipo que remete para a protecção e, por isso, um tema investido de uma elevada carga simbólica que, ao mesmo tempo, se pode situar próxima do microcosmos do corpo e do indivíduo e, no outro extremo, ser uma figuração da própria inserção do humano no cosmos — a casa-mãe, a pequena casa e a grande casa. Embora a casa remeta para a morada — o repouso, a permanência, um lar, um centro paradisiaco —, também pode ser um navio, uma nave, um abrigo que funciona como ponto em deslocação por mundos reais/imaginados mais ou menos ameaçadores, instáveis, centrífugos.

De um simples automóvel utilitário, com o seu habitáculo, à grande nave que parte para outras galáxias, o balão que dá a volta ao mundo, o barco dos piratas ou o cruzeiro de luxo, ou uma vulgar *roulotte* — como a que Julio Cortázar e C. Dunlop imaginam no seu magnífico relato sobre uma improvável expedição de Paris a Marselha por auto-estrada, dormindo nas estações de serviço —, as casas podem descolar-se do seu fixismo e assumir esta dimensão nómada e vagueante, sem perder (pelo contrário) o significado de lugar seguro, de tudo o que se pode contar como certo face à contingência de tudo o resto — um ponto fixo. Ao mesmo tempo, como escreve Gaston Bachelard, estas cascas de noz em oceanos turbulentos ou areias movediças podem também funcionar como um isomorfismo que traduz o

instinto de protecção, como o da concha, do ovo ou do ninho: face a tempos incertos e a areias movediças, a imaginação convoca-nos para o interior da concha, a vida dobrada sobre si própria, o repouso, o desligamento do real.(1)

Escreve o antropólogo Gilbert Durand que:

*A casa constitui, entre o microcosmo do corpo humano e o cosmo, um microcosmo secundário, um meio termo cuja configuração iconográfica é, por isso mesmo, muito importante no diagnóstico psicológico e psicossocial. Pode-se dizer: “Diz-me que casa imaginas e dir-te-ei quem és.” E as confidências sobre o habitat são mais fáceis de fazer do que sobre o corpo ou sobre um elemento objectivamente pessoal.(2)*

Noutra passagem da mesma obra, Durand reforça a ideia, afirmando que, mais do que um lugar para viver, a casa é ela própria entendida como *um vivente, a casa sobredetermina a personalidade de quem a habita*. A casa, desdobrada nos seus múltiplos recantos e configurações — cozinha, quarto, escadas, corredor, sótão, porta, janela, cave, etc., mas também as extensões exteriores do significado e do acto de morar, como os alpendres, o jardim, a horta, o recinto exterior à casa que se fecha pelos limites, pelos muros —, tanto aparece como um *todo*, como um dispositivo que separa dimensões contraditórias. Nas suas incursões sobre a poética do espaço da casa, Bachelard fala dos labirintos dos corredores, dos olhos das janelas, de um desvão escuro e ameaçador, de um sótão misterioso, de segredos, de uma sala devassada, do cheiro aconchegante de um armário, intimidades ou fantasmas.

Por isso, a ideia da casa é instável, variada e contraditória. O sentimento de abrigo e segurança, o lugar das recordações felizes da infância, o ninho..., podem misturar-se com assombrações, memórias de casas de tempos difíceis, lugares a que não se quer voltar.

Por extensão ao sentido da comunidade e do colectivo, o imaginário da casa expande-se para a casa comum — o lugar, a cidade, o país, o mundo —, convocando utopias felizes da vida em conjunto da grande família humana.

O salto da esfera íntima e pessoal para o grupo é, normalmente, problemático. A tribo, a aldeia e a comunidade fornecem imagens coesas e securitárias sobre a capacidade de resistência do grupo às adversidades — ao inimigo, aos rigores da natureza. Abundam nos estudos de etnografia e antropologia os tipos de povoamento e de organização do habitat que incluem grandes casas onde se abriga toda aldeia — *a maloca* na Amazônia, por exemplo.(3)

No extremo oposto estão as formas de habitação contemporâneas associadas à urbanização intensa, naquilo que nos habituámos a chamar “cidades” e, sobretudo, à urbanização variada, de grande escala territorial, diversa e contraditória, estendendo-se por superfícies imensas; uma urbanização sem cidades que, embora possuindo nomes — Cidade do México, Tóquio, Nova Deli, Lagos... — já não corresponde a um todo, a uma entidade com limites nítidos organizada por um sistema coeso de relações. Nestas nebulosas urbanas onde ricos e pobres se dividem por condomínios fechados e bairros de lata, já é muito complicado estabelecer umnexo estável e claro entre a casa — da mansão, do apartamento de luxo à barraca insalubre construída com materiais precários — e os lugares, os con-

juntos de casas. Quando as sociedades são muito desiguais e profundamente fracturadas, aumentando o fosso entre a minoria que vive bem e a imensa maioria que sobrevive em condições muito precárias — assim é estatisticamente a maior parte da urbanização do planeta —, a cidade como um “todo” dá lugar a um arquipélago urbano onde se oscila rapidamente entre redes de relações muito fluidas e, ao contrário, encravamentos, barreiras, lugares “fortificados”.

Le Corbusier, a referência maior da arquitectura moderna, chamava às casas “as máquinas de habitar”, reduzindo o alojamento em grandes edifícios de habitação colectiva a um somatório de apartamentos, dispositivos plenos de funcionalidades, massificados e codificados para um estilo de vida genérico. Embora esses grandes edifícios — unidades de habitação — tivessem espaços de uso comum nas coberturas, em pisos intermédios, nas áreas de circulação, toda a poética da casa e do habitar que se encontra em G. Bachelard se reduz a um desencantamento. Habitar não é uma simples função, tal como circular, trabalhar, etc. — como propunha o manifesto modernista da Carta de Atenas —, habitar é uma questão primordial da própria condição humana, do modo como esta se define.

\* O autor escreve de acordo com a antiga ortografia

(1) Cf. Gaston Bachelard, *La Poétique de l'espace*, Paris: Les Presses universitaires de France, 1961, 3.<sup>a</sup> edição, cap. II, “Maison et Univers”. Disponível em <<https://gastonbachelard.org/wp-content/uploads/2015/07/BACHELARD-Gaston-La-poetique-de-l-espace.pdf>>.

(2) Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire : introduction à l'archétypologie générale*, Paris: Bordas, 1978, p. 231.

(3) Cf., nomeadamente, Sílvia Caiuby Novaes (org.), *Habitações indígenas*, São Paulo: Nobel, ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

A utopia moderna pensava a sociedade ou o território como um grande maquinismo onde o indivíduo se dissolvia. Infelizmente abundam esses conjuntos habitacionais de aspecto desolado e impessoal onde *o verdadeiro urbano é aquele que não conhece o vizinho.*

*Toda a gente sabe o que significa a palavra “sociedade” ou, pelo menos, julga saber. Transmite-se esta palavra de uns para os outros como se fosse uma moeda cujo valor não precisássemos de verificar. Quando alguém diz “sociedade” e outro alguém repete, os dois compreendem-se sem dificuldade... mas, em boa verdade, será que os dois compreendem aquilo que mutuamente estão a dizer?(4)*

Claro que é impossível defender um modelo de casa — e, muito menos, de forma de habitar ou de modos de apropriação dos espaços domésticos — que seja universal. As casas reflectem as complexidades e contradições dos humanos, das formas como se organizam, das suas visões do mundo, das suas diferenças e das suas profundas desigualdades.

Se, por vezes, olhando para a parafernália crescente de tecnologias e próteses tecnológicas que hoje fazem parte do equipamento de uma casa da classe média alta, logo nos agita o fantasma do *cocooning*, do confinamento excessivo no casulo do espaço doméstico onde tudo se pode fazer em total isolamento ou, ao contrário, profundamente conectado com o mundo através das tecnologias telemáticas. Por paradoxo, a sociedade em rede de que se fala, pode incluir perfeitamente milhões de pontos de conexão à rede que favorecem mais o isolamento e o individualismo do que a sociabilidade intensa. Outros dizem-nos que

não, que, quanto maior é a intensidade do uso das redes e das (tele)comunicações, maiores e mais diversas são as ocasiões de sociabilidade implicando co-presença física. Sabemos ainda pouco desta mudança sociotécnica que vai a uma velocidade vertiginosa. O que sabemos, sim, é que as casas, tal como as pessoas, estão cada vez mais inseridas nos mais diversos sistemas e redes que possibilitam um sem-número de funcionalidades e acções: a energia, a água, as telecomunicações, os transportes de bens, pessoas e mercadorias..., não sabendo já onde é que passa a fronteira entre a casa e o sistema que faz com que ela seja habitável e funcional. Não se fala aqui, claro, dos casos extremos do isolamento, voluntário ou forçado, ou de estilos de vida e atitudes que são minoritárias nas nossas sociedades.

Outras vezes, olhando para a precariedade total numa favela do Brasil, num bairro de lata na Índia, ou, genericamente, para qualquer situação característica da urbanização da pobreza, onde coisas tão básicas como a água canalizada ou o saneamento são inexistentes, é difícil pensar o que pode ser uma casa (chame-se-lhe assim) além do abrigo frágil e do subequipamento. Nesses casos, o espaço e a vida doméstica transbordam para o exterior, para as crianças brincarem, para se prepararem refeições, para se trabalhar em oficinas improvisadas. Não se pense, porém, que estas situações estão fora da “sociedade em rede” ou da “globalização”. Ao contrário. A sobrevivência da pobreza urbana reproduz-se, a maior parte das vezes, através do emprego mal remunerado em qualquer actividade da economia global, através dos serviços domésticos a quem pode pagá-los, da venda de mercadorias e serviços (incluindo os ilegais e ilícitos) a quem os possa comprar.

A mercantilização de tudo e a generalização do dinheiro como pagamento são os indicadores mais claros da teia infinita da globalização.(5)

## 2. O futuro

*Por vezes, a casa do futuro é mais sólida, mais clara, mais vasta do que todas as casas do passado. No pólo oposto da casa onde se nasceu, labora a imagem da casa sonhada. Já tarde na vida, com uma coragem a toda a prova, ainda se diz: faremos o que ainda não fizemos. Construiremos a casa. Esta casa sonhada pode ser um sonho muito simples do seu proprietário: um concentrado de tudo o que é julgado cómodo, confortável, saudável, sólido, por vezes, um desejo de outros. Essa casa deve por isso satisfazer o orgulho e a razão, termos tantas vezes inconciliáveis. [...] Talvez seja bom guardarmos alguns sonhos para uma casa que possamos habitar mais tarde, sempre mais tarde, tão tarde que não tenhamos tempo para a realizar. Uma casa que fosse definitiva, simétrica da casa onde nascemos, construiria pensamentos sérios e não sonhos, pensamentos sérios, pensamentos tristes. Mais vale viver no provisório do que no definitivo. (Bachelard, 1961: p. 87)*

Imaginar o futuro é um exercício do presente e, por isso, uma certa maneira de ficcionar os tempos de hoje sem ter que atender demasiado à realidade e às suas muitas complexidades e contradições. Nesse tipo de exercícios, a his-

tória e o passado são para esquecer, pensam (erradamente) muitos futuristas e futurólogos, tão aparentemente assertivos e claros nas construções dos seus labirintos prospectivos, quanto redundantemente contrariados na primeira bifurcação do evoluir dos acontecimentos.

O futuro é um espaço-tempo simplificado, focado num número restrito de questões, de utopias, de problemas ou de modos de os resolver. O futuro não tem posição certa e, muito menos, fixa. É um horizonte indefinido, o lugar onde está um pote de moedas de ouro onde o arco-íris começa ou acaba. Essa é uma versão feliz. Para outros, é um abismo negro, o fim dos tempos em modo de cataclismo.

Pesquisar o futuro na Internet é como cair num profundo abismo, numa vertigem assustadora. As respostas sobre o futuro atropelam-se num regime torrencial, ora saturado de repetições e conversas já sabidas, ora subitamente escancarado para outros precipícios sem fundo à vista. Antes que qualquer resposta se defina, é a ansiedade o verdadeiro bloqueador da gestão desta abundância. Não se sabe onde começar, onde parar, por onde tecer o fio da narrativa e das retóricas apropriadas. É que o futuro não sossega: ora apoteose vitoriosa, ora um chorrilho desbocado sobre tudo e nada, previsões ruidosas; ora uma ruína descomunal, nada ou mudança pela mudança em modo dessincronizado. A verdade é que, quanto mais larga e profunda é a crise de representação do mundo no presente, maior a opacidade dos sentidos e a espessura das névoas no horizonte do futuro.

(4) Norbert Elias, *La societé des Individus*, Paris: Fayard, 1987 (trad. espanhola, 1990, *La Sociedad de los Individuos*, Barcelona: Edicions 62, p. 17, disponível em [https://monoskop.org/images/d/de/Elias\\_Norbert\\_La\\_sociedad\\_de\\_los\\_individuos\\_ensayos\\_1990.pdf](https://monoskop.org/images/d/de/Elias_Norbert_La_sociedad_de_los_individuos_ensayos_1990.pdf)). Ver, também, Alain Bourdin, *La Métropole des Individus*, Paris: La Tour d'Aigues, 2005.

(5) Este Verão de 2019, abordando um dos muitos emigrantes do Bangladesh que vêm trabalhar para as estufas de framboesa de Odemira e perguntando-lhe o que mais desejava realizar com o dinheiro que estava a poupar, logo tive a resposta: sair do bairro miserável de Daga e ter uma casa decente. A mais de 9000 quilómetros, ligavam-se os mundos da urbanização dos pobres com o Alentejo que ainda há pouco tinha tocado o fundo do esvaziamento e da apatia económica.

Em épocas de ouro da modernidade ocidental, em que a mitologia do progresso técnico e dos grandes avanços civilizacionais não estava toldada pelos grandes dramas das guerras e dos desastres, o caminho para o futuro era plano e luminoso e não faltavam cenários e certezas futuristas para a sociedade da abundância e da harmonia universais. Tudo a tecnologia resolveria e se a razão não fosse científica outra haveria com as mesmas certezas e eficácias. Era o progresso, vector inquestionável que aconteceria por etapas, que num ou noutro caso mais problemático se iriam “naturalmente” resolver. Por isso havia, por exemplo, os países em vias de desenvolvimento, os que esperavam a chegada triunfal do tripé da modernidade — a racionalidade científico-tecnológica, a democracia política, e a cultura e os estilos de vida genéricos e cosmopolitas que inevitavelmente liquidariam as tradições e os localismos.

Não é esse o caso nos tempos que correm. A *Sociedade do Risco* de Ulrich Beck (1944–2015) — o livro publicado uns meses antes do acidente nuclear de Chernobil, em 1986 — é um balde de água fria contra essa utopia do moderno e da modernização: a probabilidade dos riscos e dos desastres seria proporcional à intensificação tecnológica da sociedade por muitos e exaustivos que fossem os cuidados, as previsões.<sup>(6)</sup> As condições de existência dos humanos seriam, ao mesmo tempo, cada vez mais promissoras e precárias por não se poder abarcar a escala e a complexidade dos efeitos colaterais e não programados, das relações não esperadas, da imprevisibilidade dos sistemas e das dinâmicas caóticas como a que assegura que o bater de asas de uma borboleta em Hong Kong pode provocar um tufão em Miami. Um ano depois é publicado o chamado Relatório Brundtland, *Our Com-*

*mon Future* (O nosso futuro comum), escrito por Gro Harlem Brundtland. Estávamos em 1987, assombrados com o desastre da fábrica dos pesticidas da Union Carbide em Bhopal, na Índia (em 1984, de que resultou um incontável número de milhares de mortos) e com o inferno atómico de Chernobyl (em 1986), com o desconcerto das nações, as desigualdades, a degradação dos recursos naturais básicos, o avanço dos desertos e do capitalismo global.

Na sequência do relatório Brundtland veio a saturação até à náusea do discurso sobre o futuro do *desenvolvimento sustentável* (expressão que dá para falar de tudo e de nada ao mesmo tempo), do equilíbrio ambiental, e da presunção, sabe-se lá fundada em quê, de juntar a tecnologia, a economia, a eficiência, a competitividade, a justiça social, o crescimento económico, a ganância do lucro e do dinheiro..., num grande acordo universal, numa imagem holística da humanidade e do seu planeta em paz e sossego, todos amigos e cooperantes, para as gerações actuais e para as vindouras.

Contudo, tal como a humanidade, o planeta é problemático. O planeta não é uma nave espacial azul a cruzar as galáxias com a sua tripulação e respectivo comandante, perfeitamente organizados e conscientes das suas missões e dos papéis de cada um. O planeta azul é uma nave de loucos e a humanidade a sua insensata tripulação dispersa e alienada. Se fosse filme, o guião seria mais próximo de um hipertexto enlouquecido, um encadeamento infinito de situações e enredos perfeitamente caóticos, com leituras diversas e contraditórias, misturando sistemas e actores perfeitamente visíveis e legíveis com milhões de acontecimentos mais ou menos imprevisíveis.

O planeta é muito dado a instabilidades, é esse o seu segredo. O resto são fantasias. Alain Badiou disse que a *ecologia era o novo ópio do povo*, uma espécie de religião, uma verdolatria. O *Nosso Futuro Comum* está cheio de coisas boas, mas não se sabe quem somos nós, quem gere o comum e se o pronome possessivo significa *de todos* e se é por igual. Nunca foi e não se está a ver se alguma vez será.

Pensando hoje na modernização em modo acelerado, no ritmo alucinante dos inventos, na sua rápida expansão à escala planetária ou nas surpresas crescentes que se nos oferecem quando temos conhecimento dos modos de usar, dos objectivos e finalidades que nunca ocorreram a ninguém quando se pensava o que uma determinada inovação poderia suscitar, é infinitamente maior a indeterminação das consequências futuras da acção humana e, como escreve U. Beck, a previsão de riscos converte-se num guião muito incerto para colonizar o futuro. O futuro não é a grande marcha da humanidade para a perfeição, tudo rigorosamente organizado e planificado — que é o mesmo que dizer, controlado —, quer a natureza, quer a sociedade, as duas entidades divididas tão claramente.

Na *Sociedade do Risco*, a poluição radioactiva, as crises financeiras, o terrorismo, as mudanças climáticas, as contaminações alimentares em larga escala, as epidemias e outras catástrofes podem pôr em causa a própria existência humana no planeta. Por paradoxo, essa consciência da catástrofe — antes inexistente — não surge em condições equivalentes àquelas que antes se usavam para controlar riscos e que definiam as decisões a tomar em casos tais. A chamada globalização, seja isso o que for, não criou nenhuma instância de regulação ao nível global; o capitalismo neoliberal

progride com uma única mecânica que é a do crescimento e do lucro a qualquer preço, e os Estados (enquanto forma de organização do poder), diferentes que são, variam entre os que se submetem aos “mercados”, os que nada fazem, os que defendem interesses próprios, ou os que pouco ou nada podem fazer. Qualquer acordo “global” se desfaz rapidamente nessa teia de contradições. Não se sabe onde está Noé com a sua arca para resguardar alguma coisa para depois do dilúvio. Há quem pense que está em Marte, que é um tecnocrata convicto e que nos vai levar para lá.

Assim está o futuro — muito problemático. Daniel Innerarity defende que vivemos demasiado no curto prazo do presente e que não há tempo para perceber o tumulto dos acontecimentos e a quantidade de discontinuidades e processos disruptivos que se vão sucedendo. (7) O ciclo da novidade é curto e o de hoje parece, amanhã, quase obsoleto. Nada parece linear, próximo das cadeias simples das causas e dos efeitos. O previsível ganhou opacidade e é difícil de inscrever num mundo composto por sociedades muito contrastadas, fragmentadas, instáveis e muito desigualmente organizadas face ao que quer que seja. O tempo corre favorável para os apocalípticos<sup>(8)</sup>, que vêm na cavalcada do progresso uma imparável deriva para um abismo próximo.

Innerarity propõe uma forma de conceber o futuro não como algo que está algures e será, mal ou bem, alcançado, mas como um campo de possibilidades de acção política que se organiza a partir de acções no presente. A consciência permanente acerca da indeterminação e da incerteza — verdadeiros inibidores de acções com vistas largas e pontaria certa — exigem uma “configuração da realidade do presente” que seja compatível com o mínimo

(6) Ulrich Beck, *Risk Society: Towards a New Modernity*, Londres: Sage, 1992 (tradução portuguesa, *A Sociedade do Risco – em busca da segurança perdida*, Lisboa: Edições 70, 2013).

(7) Daniel Innerarity (2009), *El futuro y sus enemigos. Una defensa de la esperanza política*, Barcelona: Paidós, 2009.

(8) A expressão é um título de um livro de Umberto Eco — editado em 1964 — a propósito da cultura de massas. Tradução portuguesa: *Apocalípticos e Integrados*, Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

de estabilidade institucional para gerir a mudança. É essa configuração que se revela problemática quando as regras do jogo estão em permanente mudança e muitos dos poderes dominantes — Estados ou conglomerados financeiros e económicos, agendas mediáticas, sondagens de opinião, instituições e corporações poderosas — fragilizam as responsabilidades face às gerações futuras com estratégias erráticas e táticas imediatistas. Segundo as palavras do autor, estes funcionam com uma realidade prática sem esperança, enquanto outros constroem esperanças, utopias e futuros sem alicerces na realidade.

A própria crise ecológica, o anúncio apocalíptico das ameaças à vida humana na era do Antropoceno, é difícil de prognosticar. A complexidade da questão é imensa, as temporalidades e as relações entre causas e efeitos são de longa distância, as escalas e os âmbitos espaciais para esta ou aquela ocorrência são as mais variáveis, do global ao muito localizado e, sobretudo, existe uma total descoincidência entre a macroespacialidade dos fenómenos envolvidos — a física da atmosfera, os oceanos, a dissipação de uma fuga radioactiva, etc. — e a curteza das fronteiras políticas e administrativas necessárias aos acordos e tomadas de decisão para tão largas geografias e temporalidades. Organizar uma ecologia política (politizar a ecologia) à mesma escala das questões ecológicas que envolvem os humanos e os não humanos — a escala do planeta — parece uma missão impossível em tempos de desregulação, de capitalismo liberal globalizado, e de relações muito instáveis entre países e potências, ao mesmo tempo que se fragilizam os organismos de âmbito mundial como as Nações Unidas.(9)

Centrar as questões em abstracções como “a humanidade”, o “planeta”, “a biodiversidade”, o “dióxido de carbono”, etc., apelando a uma ética e uma moral ambientais ao nível individual, equivale a iludir completamente a questão política, a extrema desigualdade dos países e dos povos face à questão, o todo-poderoso capitalismo neoliberal livre de amarras e fronteiras..., as centenas de milhões que continuam na mais absoluta miséria e os outros a quem faltam bens e serviços básicos, do alojamento à água, aos alimentos, aos cuidados de saúde ou às condições de salubridade.(10) Entretanto, as jogadas globais evoluem sem árbitros políticos para tão vasto e contraditório terreno, aquilo que Innerarity designa como um possível cenário de sincronização política inter ou transnacional em torno de objectivos e metas para um mundo mais justo e habitável: uma casa comum para ir construindo ao mesmo tempo que o futuro-presente ou o futuro-futuro vai acontecendo.

Desligar as ideologias ambientalistas das injustiças sociais não faz qualquer sentido, como não faz uma certa tecnofilia que para cada problema vê uma solução técnica “inteligente” pronta a ser adoptada. Associar na miragem da sustentabilidade o crescimento económico, a justiça social e o equilíbrio ambiental — vejam-se os diagnósticos e recomendações da Comissão Brundtland, *Our Common Future*, 1987 — é uma visão que tem tanto de positiva como de utópica:

*A humanidade tem a capacidade de tornar o desenvolvimento sustentável — para garantir que responde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades. O conceito de desen-*

*volvimento sustentável implica limites — não limites absolutos, mas limitações impostas pelo atual estado da tecnologia e da organização social sobre os recursos ambientais e pela capacidade da biosfera de absorver os efeitos das actividades humanas. Mas a tecnologia e a organização social podem ser geridas e aperfeiçoadas para abrir caminho a uma nova era de crescimento económico. A Comissão acredita que a pobreza generalizada já não é inevitável. A pobreza não é apenas um mal em si mesma, mas o desenvolvimento sustentável requer satisfazer as necessidades básicas de todos e alargar a todos as oportunidades de realizar as suas aspirações a uma vida melhor. Um mundo em que a pobreza é endémica será sempre propenso a catástrofes ecológicas e outras.(11)*

Não existe, por isso, outra forma de posicionar as questões ambientais que não seja politicamente, afastando a ideia de que a humanidade é um colectivo, ora ameaçado por processos e forças fora do seu controlo, ora reagindo como um todo composto por um puro e ilusório somatório de decisões individuais e... “a natureza agradece”. Ilusório será também pensar que cada desafio ambiental tem uma resposta tecnológica — seja a “energia limpa” ou “a casa ou a cidade inteligentes” — ou um novo modo de organizar a sociedade, a produção e o consumo como na “economia circular”.

### 3. A casa do futuro — a casa dos sonhos...

Dito o que foi dito, e pensando no CASA-FUTURO, o tema que o Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos escolheu para o Projecto “Criar com Escolas” 2018–2019, considero as seguintes pistas de desenvolvimento:

- a) genericamente, é o tema ambiental que hoje ocupa o maior espaço na esfera pública. Nos programas escolares, a questão repete-se. Provavelmente por ser uma questão extremamente complexa mas, ao mesmo tempo, passível de ser facilmente ilustrada a partir dos seus infinitos afloramentos — poluição extrema, incêndios, espécies em perigo ou extintas, desastres “naturais”, aquecimento global, ocorrências extremas de cheias, tempestades, ondas de calor, secas, etc. —, as narrativas são extremamente variadas, simplificadas ou dramatizadas, mas, sobretudo, muito instáveis: confundem-se escalas, contextos e actores e, por ser a escala global ingovernável, pensa-se facilmente que o efeito global se consegue à custa do somatório de gestos individuais e locais; ou que os princípios éticos e morais — *não produzirá dióxido de carbono, não usará plásticos*, etc. —, e respectivas campanhas de divulgação e de doutrinação serão capazes de suprir aquilo que a política e as nações não conseguem.
- b) com facilidade, consideram-se e separam-se entidades fictícias — o ambiente, a natureza, o clima, os mercados, a política, etc. — como se o significado, os conteúdos e o recorte correspondentes aos assuntos reflectidos por essas palavras fossem claros e separáveis entre si. Assim, é vulgar

(9) Consultar a obra de Bruno Latour, nomeadamente, *Politiques de la nature: comment faire entrer les sciences en démocratie*, Paris: Ed La Découverte, 1999.

(10) Ver Max Roser e Esteban Ortiz-Ospina, *Global Extreme Poverty*. Disponível em <<https://ourworldindata.org/extreme-poverty>>.

(11) *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*, 1987, § 27. Disponível em <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>>.

“a natureza” ser uma entidade exterior aos humanos, à sociedade, sendo por ela agredida, atacada e ameaçada; necessitando de ser “protegida”, etc. Essa proliferação de pseudo-entidades origina as mais variadas combinações, contra ou a favor, em consórcio, uma sendo bode expiatório para explicar coisas indesejáveis de outra, etc.

- c) a ciência e a tecnologia, evoluindo a uma velocidade nunca vista, em muitas situações de forma disruptiva (veja-se a inovação absoluta no campo do digital e das telecomunicações), e gozando de uma enorme popularidade em termos de divulgação..., constitui um tema extremamente polémico e contraditório na cultura contemporânea. Com facilidade, oscila-se entre esperanças utópicas e pesadelos apocalípticos; entre a crença num progresso científico que tudo resolve e, ao contrário, numa quase autonomia da técnica-criadora-de-monstros, da criação que vai dominar o criador (veja-se a discussão no caso da robótica, dos sistemas inteligentes, ou da engenharia genética).

Por isso é tão comum o facto de temas como a Casa do Futuro — seja na divulgação científica, na futurologia, na propaganda aos mais diversos produtos e serviços comercializáveis, ou nos desenhos das crianças e dos jovens — absorverem as temáticas do ambiente e da tecnologia ao nível da casa (literalmente, mesmo que uma percentagem muito elevada de gente viva em apartamentos em prédios de habitação colectiva) e, por sua vez, a casa seja dotada de todas as soluções possíveis de equipamento, de auto-suficiência, de reciclagem e reuso..., para resolver a “pegada ambiental”. A questão dá que pensar uma vez que, desde a água, à energia ou às telecomunicações, as

soluções correntes são altamente sistémicas: as edificações, casas, prédios, fábricas, escolas..., conectam-se a sistemas sociotécnicos de escala geográfica muitas vezes global, como é o caso das telecomunicações. Basta pensar que um simples telemóvel não funcionaria sem a existência de um sofisticado sistema de satélites e de acordos e protocolos mundiais em matéria de telecomunicações, ou que as funcionalidades da domótica implicam um serviço eficiente de Internet e de telecomunicações Wi-Fi, sem fios e de elevadíssima performance.

Creio que o desafio para os próximos projectos é de pensar a casa apenas como metáfora para a forma como os humanos habitam o planeta, e expandir a imaginação para a escala da sociedade, da variedade e da complexidade das formas de urbanização — edificação e infra-estruturas —; do impacto muito desigual das políticas ambientais entre os países muito ricos e os muito pobres; do jogo inextricável entre os designios ditos ambientais e os interesses económicos; da geopolítica em matéria de extracção, transformação e uso de recursos, por um lado, e as dificuldades em problematizar e criar plataformas de compromisso político para as grandes causas ambientais — veja-se o caso da Amazónia, por exemplo.

O planeta Terra é a nossa *Casa Comum*, como se repete até à exaustão. Se a casa de cada um (o pensamento de cada um, a acção de cada um) é demasiado pequena para pensar a vastidão do planeta, também é verdade que essa vastidão — a geografia de tudo o que é global e sistémico, desde a física da atmosfera à acção do mercado — nos parece quase paralisante. Os humanos não têm formas de organização e decisão à escala planetária suficientemente organizadas e operativas para gerir causas comuns — aquilo que seria o foco das Nações

Unidas e das organizações que, na sua denominação, incluem palavras como global ou mundial.<sup>(12)</sup> Apesar da avalanche crescente da informação acerca dos mais variados indicadores globais, não têm existido formas de coordenação dos diversos poderes — Estados, organizações interestatais, grupos económicos, agências internacionais, etc. — no sentido de uma convergência de objectivos e acções (incluindo o próprio tema das mudanças climáticas). Globalização e desregulação são palavras com sentidos cada vez mais pejorativos e vão sendo frequentes as atitudes unilaterais por parte de países com poder e responsabilidades fundamentais no desconcerto das nações. *Pensar global, agir local* não é um slogan claro e, não raro, significa que, pensando em determinadas questões globais, o resultado da acção local é tirar partido disso a favor... de interesses locais.

Não é o planeta que está em risco — é o “comum”: a casa comum, o futuro comum, a acção comum, a política comum.

(12) Acerca do modo de habitar a Terra, cf. Bruno Latour, *Down to Earth. Politics in the New Climatic Regime*, Cambridge: Polity Press, 2019.

# Preparação

Formação para educadores e professores

## CASAS-Futuro

Elvira Leite\*

Sobre o projecto designado Casa-Futuro, no qual trabalhei como consultora, arrisquei assumir também o papel de participante dedicando-me à concretização de uma ideia que tive e que respondia ao tema proposto. Pareceu-me que, na minha avançada idade, seria bem acolhida esta intenção talvez tão inesperada.

Quis muito participar neste projecto como aluna que se sente muito só! Comecei a trabalhar no meu projecto para o apresentar no encontro com professores, após a consistente e interessante conferência do Geógrafo Álvaro Domingues. Vesti, então, o papel da tal aluna e apresentei a maqueta (processo, mais produto final) da minha CASA VOADORA, nome dado ao meu projecto de trabalho até chegar ao objecto criativo. Foi um risco, confesso! Mas diverti-me com o que tive de ficar a saber e com amigos e outras pessoas que me apoiaram.

Produzir uma sequência de investimentos, a partir de uma ideia estruturante que definisse um projecto, durante um tempo significativo, foi a primeira ideia. Depois, convoquei a minha experiência anterior, o conhecimento, o pensamento reflexivo, a fantasia, a imaginação e porque não a criatividade. Fiz uma aprendizagem que me agradou, em ambientes de cooperação, que habitualmente valorizam a concepção de projectos. Procurei informação em diferentes fontes.

Dado que o tema geral deste projecto pode sugerir subtemas, consoante o desejo e escolha da pessoa ou dos grupos que sobre ele vão trabalhar assim como se pode partir do princípio de que experimentar faz pensar, então foi o que fiz.

Ideias não me faltavam, mas tinha condicionais que me impediam de as concretizar. Então recorri a uma experiência que tinha feito há muitos anos, em Estocolmo, que foi subir, em grupo, num enorme balão, e foi uma experiência maravilhosa, inesquecível. Talvez daí surgisse a ideia de construir uma casa voadora.

Teria então de procurar informação e trabalhá-la para encontrar uma resposta possível ou pelo menos que se aproximasse do possível.

Fiz umas consultas e, entretanto, por coincidência, participei num almoço de amigos, aliás com profissões várias, incluindo arquitectos. O almoço foi no campo, éramos bastantes e, a certa altura do convívio, pedi para me apoiarem e pensar comigo no tema do meu projecto CASA VOADORA.

Foi divertidíssimo! As ideias eram tantas e tão contraditórias, os desvios nem se fala! Mas o debate agradou a todos, apenas os dois arquitectos presentes não arriscaram nem uma sugestão! Pensei logo: Com a arquitectura não se brinca! Mas houve debate de ideias, derivas e muitos apontamentos que retirei da interessante conversa. Sugeriram-me leituras, o que foi muito positivo, consultas pela Internet, etc. etc.

Vim para casa com as minhas melhores ideias reforçadas. Questionei o presente e futuros possíveis a partir do hoje e do estado a que isto chegou; idealizei casas (im)prováveis com a consciência de que é preciso mudar, dado que o mundo está mesmo em constante mudança. Alterar práticas de projectação e de construção, mas acho mesmo que não fui suficientemente longe, não fui tão inovadora quanto queria. Cada etapa do projecto foi pontuada

por actividades que implicaram: deslocações para observar, perguntar e registar; acesso a exemplos do património arquitectónico contemporâneo; leituras recomendadas, conversas com familiares de 3, 6, 8 e 14 anos com fértil imaginação e que tanto me apoiaram! A Interdisciplinaridade surgiu naturalmente e eu ia recolhendo muito material para ser seleccionado oportunamente.

Entretanto, com a ideia, de certo modo fundamentada, comecei a esboçar a dita casa. Queria que voasse, que pousasse na água e em terra.

Apenas com os esboços que tinha feito da casa e respectivas descrições, fui contactar um jovem amigo que entendia de tecnologias de construção e daí, depois de grande conversa, divertida, mas séria, encontrei apoio para conseguir mais possibilidades de construir a maqueta da minha hipotética casa voadora. Fiz duas maquetas da dita casa, uma a cores e outra branca, mas foi esta segunda a que mais me entusiasmou. Sim, tinha uma memória descritiva onde constava a relação dos materiais a usar na construção e fiz um desdobrável com todos os passos dados em trabalho de campo, ou seja, no percurso do projecto.

Chegara o dia em que tinha de apresentar o meu trabalho.

Saí de casa com a maqueta que já tinha um balão enorme que se encheu de hidrogénio ou hélio, não recordo porque não fui eu que tratei disso, apenas sei que fazia levantar a casa quando começasse a sessão. Fiz a experiência em casa e resultou. No entanto o inesperado aconteceu ao entrar no carro que me levava a Coimbra: o balão soltou-se, não sei como, e rapidamente saiu sozinho, porta fora, subindo bem lá para o alto, com uma rapidez incrível!

Afinal, a casa, pousada no assento de trás, não iria voar, com muita pena minha!

Eu tinha no bolso um outro balão vazio, mas muito mais pequeno, que não aguentava com o peso da casa. Chegada a Coimbra ao local do encontro, alguém teve a gentileza de soprar no pequeno balão, amarrou-o à casa, segurou-o com os braços elevados, eu levantei a casa a fingir que era o balão que a levantava, enfim! Foi o que se pôde arranjar.

Um desdobrável acompanhou o objecto/casa e o que apresentava o desdobrável? Uma memória descritiva.

*A CASA VOADORA voa, mas tal como os pássaros, pousa na terra para reabastecimento e, num clima ameno, para um convívio terrestre. Onde? Num terreno de alguém conhecido ou num terreno alugado ou mesmo comprado para tal. A CASA VOADORA é de pequenas dimensões, para dois ou três habitantes e de uma extrema simplicidade. Muitas perguntas se podem colocar, mas de certeza que ainda não tenho todas as respostas. Trata-se de um objecto lúdico em pré-projecto. Para além dos sonhos, fui ao encontro de algumas possibilidades de saber mais, perguntando, entrevistando, conversando informalmente e poetizando no tempo que tinha. Nesta projectação lúdica aprendi algumas coisas: lendo, observando, conversando, perguntando, tirando apontamento do que me diziam, amigos e técnicos e recebendo ideias desenhadas pelos meus jovens sobrinhos. Consultei livros recomendados e andei pela Internet. Foi então que*

\* A autora escreve de acordo com a antiga ortografia

*entrei num faz de conta: a casa voava mas também pousava no mar, no rio, num lago... Agradou-me esta ideia. Então tudo isso resultou neste objecto/casa, que com uma forte rabanada de vento iria voar de certeza. Por quanto tempo, não sei. Depois de ter lido alguns livros, afinal viver no alto é fugir às agruras da vida, é uma defesa da realidade em que vivemos, é ter a manias das alturas??... é medo de encarar realidades? Não me agradam muito estas associações. Mas a casa não vai influenciar ninguém nas respectivas opções e é mesmo tal como eu a desejava.*

Neste meu percurso valeu apenas ler, por exemplo:

Os *Sonhos de Einstein*, de Alan Lightman (em livro ou na Internet) <<http://photos.app.goo.gl/VcqTCyhyqN17Qsrg8>>;

*Um Lugar ao Sol de HIGH Rise*, de Gabriel Mascaro. 2009 (em livro ou na Internet) <<https://vimeo.com/62423831>>;

*Práticas de energia solar fotovoltaica*, de Tomás Perales Benito;

*Canções do Ar e das coisas ALTAS*, de João Pedro Mésseder e Rachel Caiano, da Caminho.

Sei que me alonguei na minha intervenção, mas tudo terminou em bem.

Ainda gostaria de referir o seguinte: O plano é um trabalho cooperativo e não ditatorial: a sugestão do professor não deve ser interpretada como um molde para fundir objectos duros e inertes, mas antes ser interpretada como um ponto de ampliação que se pode transformar num todo ordenado pelos contributos de todos os que se empenham em conjunto no mesmo projecto. É graças a trocas entre professores e alunos que se faz este crescimento. O professor recebe e dá. O projecto cresce e toma forma, graças a um processo de inteligência socializada.

# Oficinas escolares

## OFICINAS ESCOLARES

A participação nas oficinas (oficina-visita e oficina) permite desenvolver a sensibilidade e a curiosidade; estimular o pensamento, pela experimentação; despertar a capacidade criadora, valorizando atitudes tais como: reparar, perceber, sentir com os pés, as mãos, o corpo total, ou seja, usando todos os sentidos. Por outro lado, proporciona encontros para desenvolver o exercício do diálogo, da partilha, da exposição (teórica) oral de saberes em torno das práticas; identificar, associar, estimular a curiosidade e adquirir conhecimentos através da experimentação e da observação pelo contacto direto com os espaços e as coisas que caracterizam os mesmos.

A conceção de oficinas implica a preparação de narrativas estimulantes que, além das áreas de história, arquitetura, artes e meio ambiente, pode envolver conteúdos disciplinares, nomeadamente, língua portuguesa, geografia, entre outros, de modo a interessar os grupos envolvidos.

### A casa

Oficina de expressão plástica

Ao caminharmos pelo Portugal do Pequenitos calmamente e livremente, a certa altura — se estivermos com muita atenção — vemos uma sombra de uma casa. Mas não se consegue perceber a que casa pertence. Será que falta ali alguma casa? De que tamanho será? E que forma terá? Construções a partir de sombras de objetos de interior e exterior.

**Execução:** Espaço Boa, Lda.

**Público-alvo:** educação pré-escolar e ensino básico.

### Da noite para o dia, a casa... crescia

Oficina de expressão plástica

Ninguém reparava, mas eu dizia: no futuro... vão viver nela! E acredita, avô, no futuro as cidades mudarão de nome. E Coimbra chamar-se-á Excentricidade ou Elasticidade? O avô diz que, às vezes, a minha casa pequenina-se. Outra vez, diz que a casa foge. Ontem, diz que a viu lá em baixo no rio. Ao escurecer, eu sei que ela ensombrece! Por isso, tenho luzes coloridas que a agigantam. Ao acordar, ela estremece connosco a mexer. Queres ver? Olha! Ela pensa que a esquecem quando nos vamos embora. Mas a minha casa-futuro está sempre comigo, na minha cabeça e aqui neste papel. E até voa! A propósito... viste a minha casa?

**Execução:** Melânia Ramos

**Público-alvo:** educação pré-escolar e ensino básico.

### A metamorfose e o barro

Oficina de cerâmica

Nesta oficina vamos pensar no passado com olhos no futuro ao deixar-nos tocar pela magia do barro e, através das nossas mãos, do nosso próprio corpo, descobrimos a capacidade de o material se transformar e renovar criando novas formas, sofrendo várias metamorfoses. Ao dar forma e vida onde nada existia, ao transformarmos um pedaço de barro amorfo num animal, num objeto ou boneco, sentimos o prazer da descoberta, tornamo-nos seres criadores, mágicos, responsáveis do nosso próprio futuro.

**Execução:** Cláudia Pires

**Público-alvo:** educação pré-escolar e ensino básico.

## FORMAS ORGÂNICAS (OU TÊXTIL CONCEPTUAL)

Oficina têxtil

É uma oficina em que vamos investigar a organização estrutural e orgânica como ponto de partida para a criação de peças em têxtil que podem habitar uma casa. Iremos pensar a forma, entendida como figura ou modelo de inspiração, e como modo/maneira de fazer artesanal, através do contacto com a lã, enquanto matéria-prima e modelo orgânico. Conjugando diferentes sentidos, materializa-se em desafios de exploração da associação da lã, água e sabão, através da técnica de feltragem manual, para a criação de peças em têxtil a utilizar numa casa imaginada.

**Execução:** Fátima Miranda

**Público-alvo:** educação pré-escolar e ensino básico.

## A CASA ECOLÓGICA ÉS TU!

Oficina de meio ambiente

Esta oficina apresenta uma visão diferente da casa do futuro. Nesta visão, cada um de nós é uma casa ecológica. Além de apelar à responsabilidade ambiental de cada um, esta oficina explora várias formas de ser uma casa ecológica — uma casa sustentável em que reduzimos, reutilizamos e reciclamos. E que, como em qualquer outra casa, são feitas experiências. Nesta oficina é feita a experiência de transformação do óleo alimentar usado (um desperdício perigoso para o ambiente) em sabão líquido, uma prática simples que podemos implementar nas nossas casas ecológicas.

**Execução:** EcoXperience, Lda.

**Público-alvo:** ensino básico.

## Nossa casa, casa azul

Oficina de fotografia

Existem muitas casas, todas elas pequenitas... casas diferentes e ao mesmo tempo parecidas entre si.

Descobrir a nossa casa, aquela que é ideal, à qual nunca fomos e a isso acrescentar o tom azul é o desafio proposto nesta oficina. Azul de uma técnica antiga, uma forma plástica e alternativa de “fotografar”, procurando projetar o futuro.

**Execução:** Nélia Zacarias

**Público-alvo:** ensino básico.

## Casa estranha

Oficina de construção

Construção de maquetes e desenho de plantas, cortes e alçados. A artista Joana Vasconcelos criou a peça “Chá das cinco” a partir de um bule de chá gigante. A partir de peças de máquinas um pouco estranhas, vamos transformá-las em edifícios e construir uma nova maquete do Portugal dos Pequenitos.

**Execução:** Talkie-Walkie

**Público-alvo:** ensino básico.

## Pinturas com história

Oficina de expressão plástica

Património Arquitetónico, técnicas tradicionais de construção, pintura, desenho e construção de objetos.

Antigamente, as paredes das casas eram pintadas com tintas de cal e as carpintarias e serralharias com tintas de óleo. As tintas de

diferentes cores que eram utilizadas para pintar os edifícios resultavam da adição e respetiva mistura de pigmentos com diferentes aglutinantes. Queres vir descobrir diferentes tipos de tinta no Portugal dos Pequenitos? Sabes qual é a proveniência dos pigmentos? O que são aglutinantes?

Nesta oficina, vamos ajudar-te a descobrir estas respostas e ensinar-te a fazer tintas de diferentes cores, recorrendo a técnicas tradicionais, para que possas definir uma paleta de cores para colorir alguns desenhos por ti realizados ou outro tipo de objetos.

**Execução:** Pedro Providência

**Público-alvo:** educação pré-escolar e ensino básico.

## Narrativas de Teatro

Oficina de teatro

Aqui, os mais prodigiosos atores do reino teatralizarão uma estória vivida por personagens reais, protagonizando amores interesseiros e algumas missões impossíveis que decidirão o futuro do país. Nunca foste o D. Dinis, nem o Marquês? Que tal ser D. Afonso Henriques, D. Pedro, Dona Inês? Dona Filipa de Lencastre, talvez. Vou ser um vassalo, a aia, um jogral, um cavaleiro, o guarda real. Sou Camões e D. João I. E se formos o Infante D. Henrique, a Rainha Santa Isabel, Dona Catarina de Bragança, uma duquesa intriguista, um visconde desarmado, o ferreiro desajeitado, um espanhol desvairado e a padeira que lhe fez frente? Vamos a isso!?

**Execução:** Melânia Ramos

**Público-alvo:** educação pré-escolar e ensino básico.



Nossa casa, casa azul



Nossa casa, casa azul



Nossa casa, casa azul



Narrativas de Teatro

# Exposição coletiva

*CASA-FUTURO*

# EXPOSIÇÃO COLETIVA CASA-FUTURO

Portugal dos Pequenitos, Coimbra  
31 de maio–13 de outubro de 2019



Nossa casa, casa azul









# Trabalhos individuais

## TRABALHOS INDIVIDUAIS



A Super Casa (c.: 001)



Casa da Energia (c.: 002)



Casa Gruze (c.: 003)



Casa da Luz (c.: 004)



Casa da Criança Maria Granado para famílias (c.: 009); Floresta Casa da Criança Maria Granado para famílias (c.: 013); Horta Casa da Criança Maria Granado para famílias (c.: 006)



Casa Estranha (c.: 005)



Horta Casa da Criança Maria Granado para famílias (c.: 006)



Casa das Árvores (c.: 007)



A Casa Foguetão (c.: 008)



Floresta Casa da Criança Maria Granado para famílias (c.: 009)



Casa Eólica (c.: 010)



Casa Voadora (c.: 011)



Casa Foguetão (c.: 012)



Floresta Casa da Criança Maria Granado para famílias (c.: 013)



Casa Divertida (c.: 014)



Casa da Praia (c.: 015)



Jardins Suspensos (c.: 016)



Casa das Palhinhas (c.: 017)



Casa do Mar (c.: 018)



Casa R M (c.: 019)



Casa da Árvore (c.: 020)



Casa de Cortiça (c.: 021)



A Casa Avião (c.: 022)



Casa Unicórnio (c.: 023)



Casa Arco-Íris (c.: 024)



A Casa Diamante (c.: 025)



Casa Cores (c.: 026)



Casa Redonda (c.: 027)



A Casa Renovável (c.: 028)



Casa do Sol (c.: 029)



Casa das Pedras (c.: 030)



Casa do Tempo (c.: 031)



Casa Fantástica (c.: 032)



Casa Transparente (c.: 033)



Casa da Horta (c.: 034)



Casa Bicuda (c.: 035)



Futurasa (c.: 036)



Casa de Madeira com Painéis Solares (c.: 037)



Casa Flor (c.: 038)



Casa Abrigo (c.: 039)



Casa Balão (c.: 040)



A Casa Voadora (c.: 041)



Casa M N (c.: 042)



Casa das Estrelas (c.: 043)



Casa Brilhante (c.: 044)



Casa Helicóptero Estilosa (c.: 045)



Casa Solar (c.: 046)



Casa das Flores (c.: 047)



Casa Cortiço (c.: 048)



Casa Ecológica (c.: 049)



Casa Balanço (c.: 050)



Casa do Escorrega Aquático (c.: 051)



Casa Tecnológica (c.: 052)



Flores Cadentes (c.: 053)



Casa para ir ao Espaço (c.: 054)



Casa Ecológica (c.: 055)



Planeta Terra (c.: 056)



Super Estrela (c.: 057)



Casa Mágica (c.: 058)



Casa Fantástica (c.: 059)



A Estrela Cadente (c.: 060)



INSTAGOLD (c.: 061)



O Futuro (c.: 062)



Os Futuristas (c.: 063)



A Casa Mágica (c.: 064)



Casa Reciclável (c.: 065)



A "CASA-FUTURO" da minha Terra... (c.: 066)



Inovar é o Futuro (c.: 067)



Casa das Estrelas (c.: 068)



Casa dos Amigos (c.: 069)



Casa dos Heróis (c.: 070)



Uma casa espetacular (c.: 071)



Casa Imaginária (c.: 072)



A Casa Voadora (c.: 073)



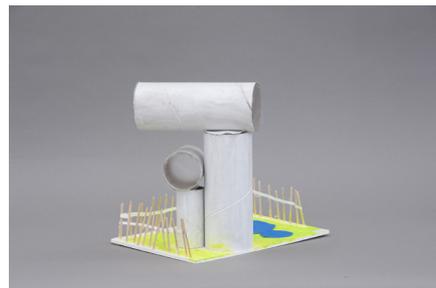
Casa de Natal no Futuro (c.: 074)



A Casa Andante (c.: 075)



Casa de Diversão no Futuro (c.: 076)



Casa Cilíndrica (c.: 077)



A Casa Casino (c.: 078)



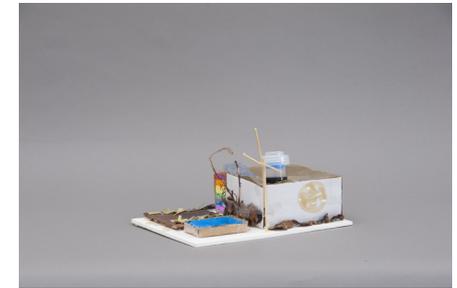
Casa de Relaxamento no Futuro (c.: 079)



Casa dos Sonhos (c.: 080)



Casa Fantástica (c.: 081)



Casa de Milionários (c.: 082)



Casa Chocolateada (c.: 083)



Casa do Amor (c.: 084)



Casa Milionária (c.: 085)



Casa Natureza (c.: 086)



Casa Pintalgato (c.: 087)



Casa Tecnológica (c.: 088)



Casa Multicor (c.: 089)



Casa Arco-Iris (c.: 090)



Puro futuro (c.: 091)



A Casa dos Tubos (c.: 092)



Casa Dourada (c.: 093)



Bairro Divertido (c.: 094)



O que nos espera (c.: 095)



Casa Nova Era (c.: 096)



Casa Encantada (c.: 097)



Casa dos Espelhos (c.: 098)



O teu futuro aqui (c.: 099)



Gaming house (c.: 100)



A Casa do E.T. (c.: 101)



Casita da Serra da Lousã (c.: 102)



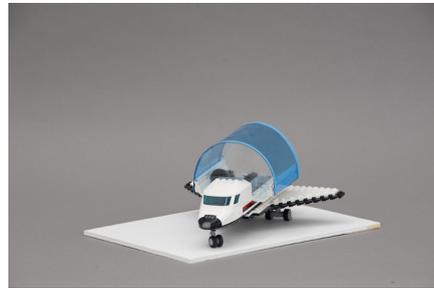
Friend house (c.: 103)



New generation (c.: 104)



The house light renovator (c.: 105)



Flying house (c.: 106)



Casa - carro - barco (c.: 107)



Casa anfibia (c.: 108)



Casa do Sol (c.: 109)



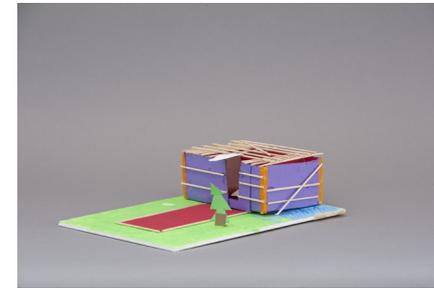
Casa do Afonso (c.: 110)



Slimol (c.: 111)



Martelo do Thor (c.: 112)



A Casa da Bia (c.: 113)



A Casa da Ilha (c.: 114)



A Casa de Praia (c.: 115)



A Casa Relaxante (c.: 116)



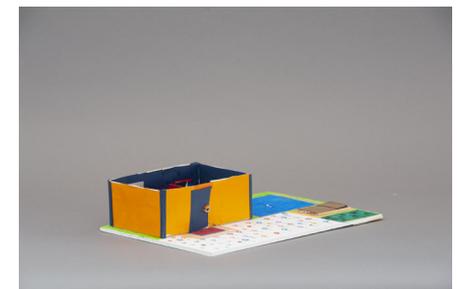
Tecno Casa (c.: 117)



Casa do Campo (c.: 118)



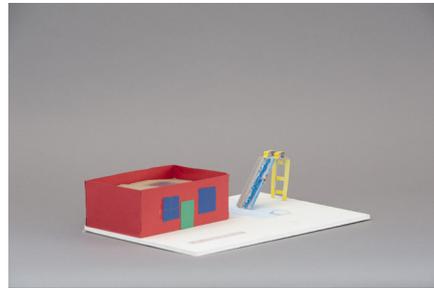
Casa Flutuante (c.: 119)



YTZY (c.: 120)



A Casa Normal (c.: 121)



Casa de Plantação (c.: 122)



Casa de Diversão (c.: 123)



Casa Voadora (c.: 124)



Casa de Madeira (c.: 125)



A Casa da Sofia (c.: 126)



Dream House (c.: 127)



O Mundo dos Malucos (c.: 128)



Casa a meu gosto (c.: 129)



Mansão da Ana (c.: 130)



Mansão do Jardim (c.: 131)



Casa dos Ladrões (c.: 132)



Mansão dos Benfiquistas (c.: 133)



A casa Económica (c.: 134)



Casa para Um (c.: 135)



Casa dupla do futuro (c.: 136)



Casa Milagre (c.: 137)



A Casa Cofre (c.: 139)



A Casa do Futuro (c.: 140)



A Minha Casa Futura (c.: 141)



A Mansão das Formas Geométricas (c.: 142)



Sem diário de bordo (c.: 143)



Apocalipse (c.: 144)



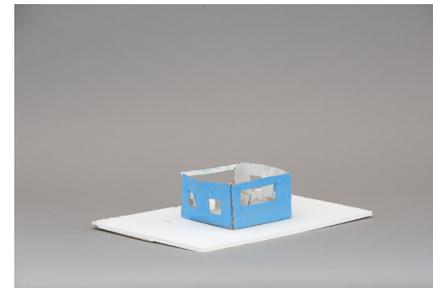
Mansão Alves (c.: 145)



Casa Prédio (c.: 146)



Casa do Preguiçoso (c.: 147)



A Casa do Futuro (c.: 148)



A Casa Subterrânea (c.: 149)



A Mansão do Paraíso dos Sonhos (c.: 150)



Casa Simplificada (c.: 151)



Mansão Frade (c.: 152)



Casa de Paus (c.: 153)



Casa dos Mc (c.: 154)



Casa de Raios Solares (c.: 155)



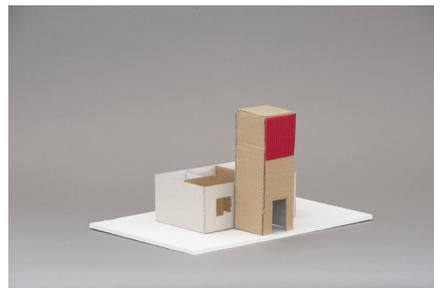
Casa de Praia (c.: 156)



Casa Futuro (c.: 157)



Casa Moderna (c.: 158)



Casa Humilde (c.: 159)



Casa Bonita (c.: 160)



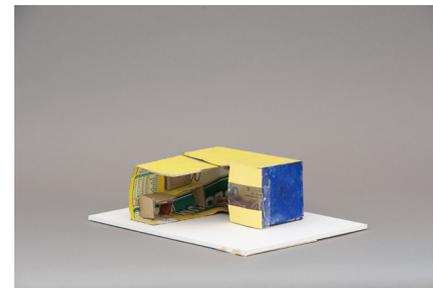
Novo Céu (c.: 161)



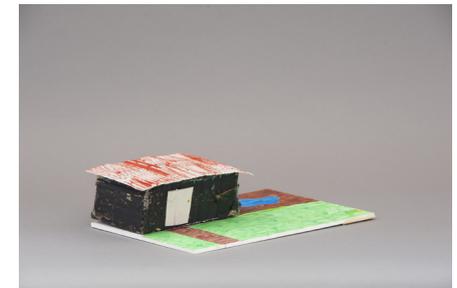
Casa... (c.: 162)



Casa Ecológica (c.: 163)



Energia Renovável (c.: 164)



Casa Camuflada (c.: 165)



Casa do Futuro (c.: 166)



Casa Futuro (c.: 167)



Casa Luxo (c.: 168)



Casa Minissolar (c.: 169)



Casa do XXXTENTATION (c.: 170)



Casa não sei (c.: 171)



Casa Novo Mundo (c.: 172)



Casa dos Camponeses (c.: 173)



Casa de Aventura (c.: 174)



Casa das Aventuras (c.: 175)



Sem nome (c.: 176)



Aventura (c.: 177)



Casa dos Youtubers (c.: 178)



Casa do Lago (c.: 179)



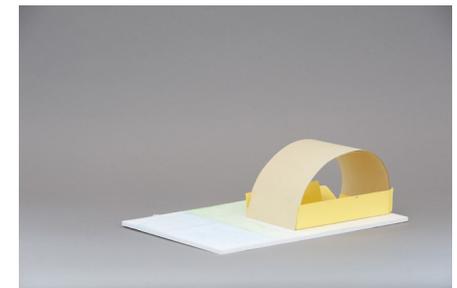
Casa no Campo (c.: 180)



Human House (c.: 181)



Teccasa (c.: 182)



Casa de Piscinas (c.: 183)



Casa Verde (c.: 184)



Casa de Pedra Futura (c.: 185)



Casa Alegre (c.: 186)



Casa dos Pobres (c.: 187)



Casas Básicas (c.: 188)



Casa do Pinguim (c.: 189)



Pool House (c.: 190)



A Casa da Felicidade (c.: 191)



A minha Casa do Futuro (c.: 192)



Casa dos Sustos (c.: 193)



Casa de Lagos (c.: 194)



Casa Colorida (c.: 195)



Casa do triângulo (c.: 196)



Wh26Hw (c.: 197)



DMAX (c.: 198)



Bandida da Montanha (c.: 199)



Casa no Ar (c.: 200)



Casa da Água (c.: 201)

TRABALHOS INDIVIDUAIS



Casa Flutuante (c.: 202)



Casa na Montanha (c.: 203)



Sem nome (c.: 204)



Casa Futurista (c.: 205)



Sem nome (c.: 206)



Casa Branca (c.: 207)



Casa LX (c.: 208)



Barco Poupa Energia (c.: 209)

SERVIÇO EDUCATIVO DO PORTUGAL DOS PEQUENITOS



Casa Caveira (c.: 210)



Casa Camuflada (c.: 211)



Casa MAX (c.: 212)



Sem Nome (c.: 213)



Casa Metal (c.: 214)



Casa Moderna (c.: 215)

# Testemunhos



Casa Balão (executada por Elvira Leite)

## Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

### Escola 2, 3 Inês de Castro

Professor: Fernando Taveira Teixeira

O envolvimento no projeto foi desde o início aceite com entusiasmos e motivação por parte das turmas que lecionei. O desafio individual de cada aluno materializou-se em respostas concretas que nasceram do imaginário de cada um. A “casa futuro”, nasce de ideias próprias e originais, condicionadas por objetivos e sonhos de cada um dos alunos. Porém, no ato de materializar em desenhos e formas essas ideias, foi necessário fornecer ao aluno técnica, método e conhecimento para a imagem da casa ter maior valor expressivo em termos de maquete. Por outro lado, o processo de trabalho passou também por articular os conteúdos programáticos das disciplinas envolvidas, Educação Visual e Educação Tecnológica. Todo este mecanismo de criação, no qual se usaram esboços, recolha de elementos,

esquemas, apontamentos, desenhos técnicos, rigor na aplicação de escalas, possibilitou um sucesso e superação que surpreendeu o próprio aluno no trabalho concluído.

Surge depois a apresentação de trabalhos num espaço público, oportunidade de podermos trazer o mundo da escola ao mundo exterior. Aspeto fundamental na valorização dos intervenientes, principalmente alunos que se sentem desta forma mais motivados e com vontade de explorar a área das artes e de participar de novo em iniciavas como esta.

Termino com um agradecimento a todos os envolvidos neste projeto, motores da iniciativa e que fizeram tudo para dar dimensão, dignidade e oportunidade aos alunos e docentes das escolas participantes.

## Agrupamento de Escolas Coimbra Sul

### Jardim de Infância do Areeiro

Turma 1

Educadora: Anabela Franco

Estagiárias: Carla Santos e Carolina Lourenço

As visitas ao Portugal dos Pequenitos, realizadas por um grupo de 24 crianças de idades entre os 4 e os 6 anos, foram o ponto de partida para a viagem que fizemos em redor da Casa do Futuro.

Ao longo de várias semanas, observámos casas de diferentes tamanhos, formas, cores... partilhámos ideias, conhecemos edifícios construídos e outros em processo de construção. Descobrimos e diferenciámos detalhes, materiais, funcionalidades...

Ouvimos falar de arquitetos, engenheiros, construtores, pedreiros, canalizadores, pintores...

Partilhámos histórias, aprendemos novas palavras, falámos de Futuro, da proteção do nosso planeta e dos seres vivos, refletimos em conjunto sobre onde gostaríamos de viver.

Formámos grupos e cada equipa decidiu como queria fazer a sua Casa-Futuro. Recolhemos materiais, desenhámos plantas, reutilizámos e reciclámos muitas embalagens (recortando, pintando, colando...).

Nos Diários de Bordo, construídos para documentar as viagens de cada grupo, escrevemos

as histórias das casas que imaginámos. Se os lerem, irão descobrir muitos pormenores: uma casa construída na floresta com telhados de vidro, para ver as estrelas, e uma banheira viajante; paredes de um prédio com pinturas de animais para serem vistas à lupa e um escorega gigante que leva os moradores para a praia; uma casa sobre estacas para proteger os animais que vivem na terra; um balouço dentro de uma casa recheada de livros que dançam ao vento; um terraço de onde se parte em viagem em cima de um tapete voador e um *robot* que faz os trabalhos em todos os apartamentos.

No final, em conjunto com a turma 2, montámos uma exposição no Jardim de Infância e explicámos aos pais o que imaginámos, como fizemos, o que aprendemos... e muitas coisas mais.

Trabalhámos em grupo, crianças, estagiárias da ESEC, educadoras, assistentes, famílias. E foi muito bom!

Aqui ficam os nomes das nossas cinco casas: “Casa das Estrelas”; “Casa Cores”; “Casa Abrigo”; “Casa Divertida”; “Casa Flor”.

## Agrupamento de Escolas Coimbra Sul Jardim de Infância do Areeiro

Turma 2

Educadora: Graça Corte-Real

Estagiárias: Laura Santos e Liliana Monteiro

O projeto “Casa Futuro” visou não só sensibilizar as crianças para a observação do espaço envolvente, edifícios e cidade, levando a temática da arquitetura a esta faixa etária, mas também perspetivar como as casas poderiam ser no futuro, tendo em conta a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental.

Estiveram envolvidas 25 crianças dos 3 aos 6 anos.

“Dançar nas Nuvens”, de Vanina Starkoff, foi o ponto de partida para esta viagem que começou com a escuta ativa das conceções das crianças sobre o conceito “Casa”. Partilharam-se ideias, saberes e aprofundaram-se conhecimentos acerca das nossas casas, casas de outros países e diferentes tipos de casas.

Envolveram-se as famílias em atividades de pesquisa e observação das suas casas e de outras, da sua rua ou cidade.

Exploraram-se materiais, texturas, linhas, cores... e em pequenos grupos surgiram construções a partir da reutilização de diversos materiais.

Proporcionaram-se múltiplas oportunidades de reflexão e debate em torno da arquitetura e paisagem e imaginou-se como poderia ser o futuro... «o futuro é uma coisa que nos leva ao que vai acontecer... tem que ser com casas diferentes senão vamos pensar que estivemos na mesma casa».

Em pequenos grupos debateram-se ideias, respeitaram-se opiniões e os planos foram surgindo... «A nossa casa vai flutuar no mar, é a Casa-Brilhante»; «A nossa casa vai ter bicos no telhado e um escorrega que vai dar a uma piscina de bolas, é a Casa-Bicuda»; «A nossa casa vai ser redonda com um quadrado em cima, como se tivesse um chapéu, é a Casa-Estranha»; «A nossa casa vai ser redonda e em baixo vai ter ímanes para se poder “colar” e ficarmos com uma casa maior, é a Casa-Redonda»; «A nossa casa vai ter janelas em forma de triângulo e de círculo, pintada com muitas cores, é a Casa Arco-íris».

Depois, foi pôr mãos à obra... e com recorte, pintura, modelagem e muita imaginação foram surgindo as maquetes que foram bastante apreciadas pelas crianças envolvidas, que também avaliaram de uma forma muito positiva este projeto: «Gostei de fazer as asas e de colar os papéis no balão»; «Conseguimos fazer como queríamos!»

As famílias também tiveram oportunidade de apreciar as maquetes construídas e de avaliar este projeto: «Projeto interessante, estimula a criatividade e a arte»; Fantástico projeto para demonstrar às crianças a variedade de casas do mundo que as rodeia».

## Agrupamento de Escolas da Lousã Escola Secundária — CAA-SMA EB n.º 1 — CAA-SMA

Professoras: Ana Cristina Figueiredo Simões, Maria de Lourdes Marcelino Lopes Pereira Antunes, Anabela Fernandes Marques, Maria de Fátima Simões Pedroso

No ano letivo de 2018/2019, o Agrupamento de Escolas da Lousã participou, pela segunda vez consecutiva, no Projeto “Criar com Escolas”, lançado pelo Portugal dos Pequenitos, tendo como subtema desafiador deste ano: “Casa Futuro”. Mais uma vez, os alunos da sala CAA/SMA da Escola Secundária e da sala CAA/SMA da Escola EB1 participaram ativa e entusiasticamente no trabalho desenvolvido, em que a colaboração e partilha de ideias foi uma constante, envolvendo-se os alunos novamente numa experiência diferente e de-

safiadora. O facto de todos os alunos participantes serem alunos com necessidades específicas tornou o desafio ainda mais aliciante e compensador.

O tema levou-nos a um regresso às origens serranas, típicas da Lousã, já que a casa apresentada foi uma casa das aldeias de Xisto, *ex-libris* da Serra da Lousã.

Cumpriram-se, deste modo, os objetivos propostos, estando todos os envolvidos motivados para experiências futuras semelhantes.

## Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo Escola Professor Doutor Ferrer Correia

Professoras: Graça Faustino e Isabel Pratas

No âmbito das disciplinas de Educação Tecnológica e Português, participaram no Projeto Criar com Escolas 2018/2019 “CASA-FUTURO”, promovido pelo Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos, os alunos do 5.º, 6.º e 7.º ano da Escola Ferrer Correia, no Senhor da Serra, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo.

Os alunos efetuaram pesquisas, entrevistas, passeios e registos fotográficos sobre o tema da casa no passado e no presente, e perspetivaram a que poderá surgir no futuro. Efetuaram os registos em diários e recolheram diversos materiais para a construção do Diário de Bordo. Seguindo as diferentes fases do Método de Resolução de Problemas, os alunos dedicaram-se à fase de realização do trabalho utilizando os materiais recolhidos no

local onde vivem, bem como outros explorados e recolhidos no recinto da escola. Para a construção, utilizaram essencialmente materiais reciclados e reutilizados: tecidos, cartão, pedras, plástico, lã, folhas, papéis, etc., aplicando as técnicas de corte, recorte, colagem, entre outras. Durante todo o processo, houve consensos e divergências, opiniões que não se encaixavam, interesses diferentes, difíceis de moderar, mas desafiantes e importantes, pois todos se envolveram com criatividade e empenho. Após a avaliação dos trabalhos, que incidiu na observação, análise e comparação dos mesmos, os alunos deram a sua opinião, manifestando sentido crítico, valorizando as suas aprendizagens e as conquistas alcançadas com esta atividade, da qual todos saíram a ganhar.

## Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel Escola Básica de Sargento-Mor

Professora: Sónia Varelas

Mais um ano de participação neste Projeto que tanto tem contribuído para a inovação e desenvolvimento de uma escola de futuro, uma escola criativa e com significado.

Mais um ano em que participámos e em que os alunos puderam criar, com empenho, uma casa onde tiveram oportunidade de aplicar características baseadas na exploração de um mundo sustentável.

Participar em projetos é uma iniciativa à qual dou primazia no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que as crianças aprendem e aplicam-se mais quando fazem algo que as satisfaz. É uma oportunidade de explorar, diversificar estratégias e proporcionar conhecimento através da ludicidade e da corresponsabilização.

A discussão em grupos de trabalho é usada de forma saudável pois há partilha de ideias, críticas construtivas e aceitação de outras visões para o mesmo projeto.

Ver a alegria nos olhos das crianças ao aperceberem-se que os seus trabalhos serão expostos e vistos por muitas pessoas e até aparecer num livro é algo indescritível, maravilhoso e que dá uma sensação de dever cumprido — promoção de crianças mentalmente saudáveis e realizadas.

Em forma de conclusão, posso afirmar que participar neste projeto permitiu às minhas crianças: pensar, planear, ir ao encontro, procurar, pesquisar, explorar, recolher material, construir, criticar, colocar as ideias em prática, refletir, trabalhar colaborativamente, enfim, enriquecerem-se globalmente.

## Associação dos Jardins-Escolas João de Deus Jardim-Escola João de Deus de Alhadadas

Educador: Miguel Nuno Silva Lopes

Esta ação de formação fez-me evoluir na minha condição de educador, assimilando o maior número de saberes necessários à minha prática educativa. Muni-me de novos conteúdos, estratégias e ferramentas para ir ao encontro das crianças, entusiasmando-as e consciencializando-as para a evolução e modernização das casas no futuro.

As crianças mostraram-se sempre empenhadas, interessadas e curiosas na elaboração da CASA-FUTURO.

A minha prestação nesta ação de formação foi sempre com muito interesse, dedicação e entusiasmo na execução e elaboração da mesma.

O produto final foi excelente. Excedeu as minhas expectativas. A exposição no Portugal dos Pequenitos, em Coimbra, está surreal. Sinto um enorme orgulho por ter participado nesta ação de formação.

Em relação aos formadores, sempre se mostraram prestáveis, próximos, desafiadores e atentos. Partilharam os seus saberes e experiências, valorizando a prática pedagógica de cada formando.

Adorei esta ação de formação e voltava a fazê-la.

Muito obrigado a todos e um até breve.

Vocês foram excelentes!

## Fundação Bissaya Barreto Casa da Criança Rainha Santa Isabel

Educadora: Filipa Henriques

Inicialmente, pareceu-me um projeto difícil de agarrar. Como chegar às crianças, como tornar este tema atrativo e significativo? Instalou-se o receio. Contudo, foi um receio inicial... parei e simplesmente questionei o grupo: «o que é o futuro?» A palavra futuro circulou no pensamento de cada criança, talvez tenha percorrido diversos caminhos... os da imaginação, o das certezas! Para umas, talvez uma ideia muito clara, para outras talvez uma ideia vaga, não sei... as ideias surgiram como um turbilhão, deitando por terra o meu receio inicial! Afinal, o futuro é: «o que não conhecemos, o tempo que vai vir, o tempo do

supersónico, o tempo dos *robots*, das coisas elétricas e das naves espaciais, do estrambólico! O futuro vai ser muito bom porque vai haver muitas coisas novas e boas, coisas para ajudar as pessoas!» Simples e claro! Os projetos refletiram estas ideias, afinal as casas do futuro são casas simples, casas com tudo o que gostamos e valorizamos, mas essencialmente casas movidas pela imaginação, casas desprovidas de estereótipos e onde tudo é possível!

No final, posso dizer, foi um projeto desafiador e dinâmico no qual crianças, pais e equipa nos sentimos envolvidos.

## Fundação Bissaya Barreto Casa da Criança Rainha Santa Isabel

Educadora: Teresa Sales

“Casa-futuro”, um tema desafiante e inquietante no caminho a seguir... como despertar, como conduzir?

Sabia que era preciso dar tempo — tempo para mim e tempo para as crianças — para tudo ter um sentido. Era preciso construir de forma progressiva e participada. Partir das crianças, da sua iniciativa, do seu desejo de querer saber e fazer. Partindo da realidade, das suas vivências e experiências, nasceu “cada casa... uma estória”. Um projeto que pretendia ir ao encontro da casa de cada um, e da imaginação de como seriam um dia as casas no futuro. Construir a casa... trazer a casa para dentro da sala. Pensar na casa como um espaço que se ama e onde se é feliz foi transformar cada espaço em novas possibilidades, novas experiências. Foi poder ver a cozinha como um laboratório de ciência, de descoberta, de experiências; o quarto, como um espaço que faz sonhar sempre que se conta uma história e onde os medos se diluem quando aprendemos a falar deles; a sala, como um lugar de convívio, de diálogo, onde se contam notícias do mundo e se discutem ideias, e um espaço onde as paredes lembram lugares e paisagens fantásticas que nos fazem viajar; o quarto de banho, como um espaço onde nos vemos ao espelho e descobrimos quem somos; o sótão, como um cenário de teatro, onde cabem as personagens das histórias preferidas; e, como não poderia deixar ser, uma família não vive sem um jardim, mesmo que seja preciso andar muito até lá chegar! os jardins são lugares de sonho e de aventura, onde se apuram os sentidos e se aprendem coisas novas.

O futuro?

«O futuro é quando eu for Super-herói!» «O futuro é o que ainda vai acontecer quando formos maiores»; «O futuro é quando formos para a escola primária».

E como serão as “casas no futuro”?

*Achamos que tem de ser uma casa com asas. Eu sempre quis voar e não consigo. Tem de ser uma casa com asas para voar. Voar para outros sítios, para outros lugares que a gente não conhece. Podemos ir a Lisboa! Podemos ir à praia! À Nazaré. Podemos ir para o Japão e para a China. E para os Açores! Se nós quiséssemos mudar de sítio para morar e se não quiséssemos mudar de casa, a casa acompanhava-nos sempre. E até podíamos ir para a escola nela, não precisávamos de carro!*

Se viajar é o sonho do modo de vida, porque não fazê-lo numa casa com asas? Desde sempre o Homem aspirou a ter o máximo de conforto em movimento, por mais pequeno ou provisório que o espaço seja. “Uma casa com asas” é uma casa pensada na defesa da autonomia pessoal e no desejo de conhecer o mundo. Uma visão que demonstra que uma casa não precisa de ser imóvel. «A casa com asas é uma casa leve», mas onde nada falta.

Pudemos constatar que a casa do futuro dependerá do conceito de vida de cada um, das possibilidades, mas decerto que terá em conta a sustentabilidade ambiental. O futuro passa

por utilizar energias renováveis, reduzir, reutilizar e reciclar.

Marcados por um século do desenvolvimento das telecomunicações e onde tudo acontece muito rapidamente, será de certeza também uma casa inteligente, que aposta em novas atmosferas.

Todavia, será sempre uma casa abrigo, onde a família come, dorme, brinca e aprende. Apostará na estética, no conforto, na segurança, no convívio e na partilha. Será aberta à entrada de ar e de luz natural. Terá condições para ter animais. Desfrutará da sua localização junto da natureza. Poderá ser, quem sabe, uma “casa com asas”... mas, por falta de tempo, a casa com asas ficou apenas na imaginação.

Com o objetivo de envolver as famílias no projeto “Casa-Futuro”, realizou-se na Casa da Criança uma oficina sobre o tema, coordenada pelo Arquiteto Pedro Providência, do qual resultaram as casas do futuro, pelas famílias participantes.

Esta iniciativa deu-nos a oportunidade de colaborar com membros da comunidade educativa, que nos ajudaram a enriquecer o ambiente educativo, a crescer e a alargar horizontes, e demonstrou como os Pais se empenharam e contribuíram com os seus saberes e competências, ajudando os filhos na concretização do projeto. Em resumo, uma experiência rica e gratificante, motor de crescimento.

## Fundação Bissaya Barreto Casa da Criança Rainha Santa Isabel

Educadora: Paula Gamboa

Lançado o tema Casa-Futuro, o termo CASA remeteu o grupo para a “família”, conforto”, “segurança”, “felicidade” e “brincar”. A palavra FUTURO veio destacar a palavra “Viajar”.

Foi esta a ideia que o grupo desenvolveu. Na sua perspetiva, as casas irão ser diferentes, já não serão estáticas, «as casas do futuro são esvoaçantes», permitindo assim viajar para diversos lugares, levando sempre consigo o conforto e segurança que a Casa/Família lhes transmite, e ao mesmo tempo possibilitar a ideia de estarem juntos: «quando as casas conseguirem viajar, vamos todos de férias nas nossas casas... para os mesmos sítios e fazemos as cidades dos amigos com as nossas casas e as nossas famílias... Depois brincávamos sempre todos juntos». Outro ponto que o gru-

po destacou foi a importância dos espaços exteriores para toda a família, «tem que ter um jardim porque nós precisamos de brincar na relva... e assim ficarmos mais felizes».

Para finalizar o processo, pedimos a colaboração das famílias, que, com empenho e criatividade, construíram as suas Casas do Futuro. De realçar que, das casas construídas, todas iam ao encontro da ideia de ter uma casa que permitisse viajar, mas todas conseguiram arranjar soluções diferentes para atingir esse objetivo.

Em suma, o projeto teve como fio condutor a palavra viajar, mas realçando que no futuro a interação entre a Família e Amigos continuará a ter um papel fundamental nas suas vidas.

## Fundação Bissaya Barreto Casa da Criança Maria Granado

Educadoras: Diana Pinto e Solange Morais

O projeto Casa-Futuro foi desenvolvido em parceria pelos grupos dos 4 e 5 anos da Casa da Criança Maria Granado, no ano letivo 2018/2019. A pertinência desta parceria justificou-se pelos projetos que estavam a ser desenvolvidos pelos dois grupos: “Animais construtores” (grupo dos 5 anos) e a “Arquitetura de Gaudi” (grupo dos 4 anos). Tendo em conta que a Casa da Criança Maria Granado é uma casa “aberta a todos” e que fomenta a participação das famílias nos mais variados projetos, este não foi exceção, pelo que, no decorrer do mesmo, contamos com o apoio da Margarida Correia, mãe de uma das crianças.

Os dados estavam lançados e pusemos mãos à obra! As crianças começaram por refletir sobre os conceitos-chave: CASA e FUTURO. Registámos tudo o que as crianças sabiam sobre o tema e o que queriam saber. Fomos pesquisar. Ao longo deste processo pesquisa-ação, observámos maquetes; plantas; explorámos imagens de casas; brincámos com casas de madeira em miniatura; construímos uma tenda; casas com lama, barro e paus; descobrimos artistas; conhecemos algumas profissões envolvidas no processo de construção de uma casa; e começámos a ter ideias e a pô-las no papel. As nossas mentes fervilhantes não paravam de ter mais e mais ideias, o que nos levou a uma reunião para eleger, de forma democrática, quais as ideias que gostávamos mais e, assim, passámos à ação.

No decorrer da construção da nossa Casa-Futuro, explorámos diversas técnicas que até então não conhecíamos e reutilizámos materiais que tínhamos trazido de casa, com o contributo das famílias. Tinha chegado o grande mo-

mento, era hora de dar um nome à nossa obra de arte. Mais uma vez, fomentámos o espírito democrático nas nossas crianças e a nossa Casa-Futuro passou a chamar-se Casa da Criança Maria Granado para Famílias. Embora a eleição do nome possa parecer pouco original, deve-se a um facto muito simples, mas que muito se prende com a Filosofia das Casas das Crianças e do seu Patrono, «Façamos felizes as crianças da nossa terra», e, na perspetiva das crianças, «se somos muito felizes aqui, a Casa-Futuro tem que ter o nome da nossa escola!» Esta afirmação não nos podia deixar mais felizes, pois só veio constatar o que já sabemos e que de muito nos orgulhamos — as nossas crianças são felizes!

Resta-nos salientar que uma das ideias mais referidas pelas crianças e que nos deve fazer refletir a todos enquanto educadores, pais e famílias é que a Casa-Futuro tinha que ser uma casa para várias famílias, onde todos partilhavam tarefas para ter mais tempo para os filhos, onde as crianças brincavam juntas, as portas eram abertas para um espaço comum repleto de natureza, onde todos poderiam viver grandes aventuras e onde avós, pais e crianças viviam e cresciam num espaço com tempo para os saberes intergeracionais. Tendo em conta a voz das crianças, não podemos deixar de pensar que é urgente fazer uma reflexão profunda sobre como as crianças estão a crescer; que tempo lhes estamos a dedicar; a importância dos avós ao longo do seu crescimento e a importância do contacto com a natureza!

Mais do que uma casa amiga do ambiente, a Casa-Futuro será um lar repleto de amor!

## Fundação Bissaya Barreto Colégio Bissaya Barreto

Professora: Maria João Alves

Casa-Futuro, um mote que parece tão simples, mas que encerra em si tantas potencialidades. Pensar na casa enquanto conforto e segurança, aquilo que pertence à realidade diária dos alunos, e viajar, filosofando, até ao futuro, ao desconhecido, aquilo que se almeja para si, para os outros e para o ambiente, mas que em si só é tão incerto, foi assim que os alunos do 2.º A deram início ao seu projeto.

Este ano, mais uma vez com a colaboração dos Encarregados de Educação, os alunos iniciaram o projeto começando pelos alicerces, investigando, descobrindo, percebendo como se constrói uma casa e constatando as diferenças entre as casas, quer no próprio país, quer em países diferentes, tendo surgido a oportunidade de reflexão sobre as necessidades e especificidades dessas características.

Seguidamente, houve a oportunidade de explorar uma temática tão atual: a sustentabilidade. “Choveram” ideias, abraçaram-se desafios, prometeram-se mudanças, tudo de uma forma consciente e em prol da redução da pegada ecológica.

Todas estas partilhas, pesquisas, conjeturas foram registadas no diário de bordo, em forma de fotografias, esquemas, desenhos, definições...

Não obstante, sentindo-se dotados de conhecimentos, os alunos ansiavam tornar-se arquitetos e edificar aquilo que projetaram durante a primeira fase do projeto. Mas primeiro, como verdadeiros profissionais, fizeram uma recolha exaustiva, procurando os materiais adequados à sustentabilidade e adequados às suas conceções.

Etapa após etapa, o entusiasmo ia crescendo. À medida que iam dando vida à sua obra, explicavam orgulhosos os motivos das suas escolhas e tomavam decisões conscientes. A sala de aula transformou-se num verdadeiro gabinete de arquitetura onde se apresentavam opiniões, defendiam opções e se respirava inovação em prol de um futuro melhor.

Abraçar este projeto foi dar a oportunidade aos alunos de pensar na importância de serem agentes ativos na construção do seu FUTURO!

## Fundação Bissaya Barreto Colégio Bissaya Barreto

Professora: Marisa Pires

O Projeto Criar com Escolas, “Casa-futuro”, foi apresentado aos alunos do 9.º Ano partindo do estudo do conceito “habitação nómada”, passando por uma chuva de ideias sobre “Casa” e “Futuro”, bem como pela pesquisa de várias construções ou projetos arquitetónicos e pelo levantamento de materiais de construção, aliando inevitavelmente a tecnologia e pensando sempre naquilo que o ser humano do século XXI procura para a sua comodidade e ou que gostaria de ter na sua “Casa”, face aos avanços tecnológicos, preocupações ambientais e procura incessante do bem-estar. Aliado a todos estes conceitos, os alunos pesquisaram formas de construção e disposição dos elementos arquitetónicos de modo a tirar o máximo partido da luz natural e pensando sempre em integrar a sua construção no espaço, procurando, sempre que possível, que os materiais exteriores do edifício se tornassem “Camaleónicos”. Durante o processo, verifi-

cou-se igualmente uma preocupação com o ambiente, mas também com a integração do edifício na natureza/paisagem. Os alunos, em grupo — durante as pesquisas, os estudos gráficos e a experimentação dos materiais —, foram debatendo, refletindo e experimentando a melhor forma para construir e sobretudo para transmitir as ideias do grupo face ao tema e conceitos. O próprio nome que identifica a “Casa-Futuro” foi criado de acordo com o projeto, procurando refletir o conceito da própria habitação criada.

Este foi mais um projeto que motivou os alunos e que integrou vários saberes, dando oportunidade à expressão individual e coletiva em prol de um projeto comum, tendo sido importantes todas as fases do trabalho em projeto e segundo o Método de Resolução de Problemas.

# Participantes

## PARTICIPANTES

## Agrupamento de Escolas de Coimbra Oeste

## Escola: EB2.3 Inês de Castro

Professores(as)/Educadores(as) de Infância: Fernando Carlos Taveira Cardoso Teixeira, Raquel Sebastião

Escolaridade/turma: 5.º B

Trabalho: *Casa do Sol* (c.: 109).  
Aluno(a): Afonso Fernandes.

Trabalho: *Casa do Afonso* (c.: 110).  
Aluno(a): Afonso Almeida.

Trabalho: *Slimol* (c.: 111).  
Aluno(a): Afonso Coelho.

Trabalho: *Martelo do Thor* (c.: 112).  
Aluno(a): Ana Guerra.

Trabalho: *A Casa da Bia* (c.: 113).  
Aluno(a): Beatriz Simões.

Trabalho: *A Casa da Ilha* (c.: 114).  
Aluno(a): Filipe Marques.

Trabalho: *A Casa de Praia* (c.: 115).  
Aluno(a): Francisca Agante.

Trabalho: *A Casa Relaxante* (c.: 116).  
Aluno(a): Gonçalo Carlos.

Trabalho: *Tecno Casa* (c.: 117).  
Aluno(a): Gustavo Pires Carvalho.

Trabalho: *Casa do Campo* (c.: 118).  
Aluno(a): João Pedro de Sousa Cunha.

Trabalho: *Casa Flutuante* (c.: 119).  
Aluno(a): Jorge Silva.

Trabalho: *YTZY* (c.: 120).  
Aluno(a): Mafalda Almeida Costa.

Trabalho: *A Casa Normal* (c.: 121).  
Aluno(a): Martim Pimentel.

Trabalho: *Casa de Plantação* (c.: 122).  
Aluno(a): Nuno Teixeira.

Trabalho: *Casa de Diversão* (c.: 123).  
Aluno(a): Pedro Miguel.

Trabalho: *Casa Voadora* (c.: 124).  
Aluno(a): Ruben Fonseca.

Trabalho: *Casa de Madeira* (c.: 125).  
Aluno(a): Shakhzoda Djafarova.

Trabalho: *A Casa da Sofia* (c.: 126).  
Aluno(a): Sofia Silva.

Trabalho: *Dream House* (c.: 127).  
Aluno(a): Tomás Fonseca

Escolaridade/turma: 5.º C

Trabalho: *O Mundo dos Malucos* (c.: 128).  
Aluno(a): Ana Beatriz.

Trabalho: *Casa a meu gosto* (c.: 129).  
Aluno(a): Ana Silva.

Trabalho: *Mansão da Ana* (c.: 130).  
Aluno(a): Ana Sofia.

Trabalho: *Mansão do Jardim* (c.: 131).  
Aluno(a): Beatriz Resende.

Trabalho: *Casa dos Ladrões* (c.: 132).  
Aluno(a): Beatriz Moura.

Trabalho: *Mansão dos Benfiquistas* (c.: 133).  
Aluno(a): Bruno Almeida.

Trabalho: *A casa Económica* (c.: 134).  
Aluno(a): Francisco Lousa.

Trabalho: *Casa para Um* (c.: 135).  
Aluno(a): Lara Baptista.

Trabalho: *Casa dupla do futuro* (c.: 136).  
Aluno(a): Jéssica Almeida.

Trabalho: *Casa Milagre* (c.: 137).  
Aluno(a): Joana Rodrigues.

Trabalho: *A Casa Cofre* (c.: 139).  
Aluno(a): João Pedro Monteiro.

Trabalho: *A Casa do Futuro* (c.: 140).  
Aluno(a): Leonardo Pinto.

Trabalho: *A Minha Casa Futura* (c.: 141).  
Aluno(a): Luana Costa.

Trabalho: *A Mansão das Formas Geométricas* (c.: 142).  
Aluno(a): Maria Costa.

Trabalho: ... (c.: 143).  
Aluno(a): Martim Pereira.

Trabalho: *Apocalipse* (c.: 144).  
Aluno(a): Martim Pedro.

Trabalho: *Mansão Alves* (c.: 145).  
Aluno(a): Martim Alves.

Trabalho: *Casa Prédio* (c.: 146).  
Aluno(a): Matilde Martins Marques.

Trabalho: *Casa do Preguiçoso* (c.: 147).  
Aluno(a): Rodrigo Ribeiro.

Trabalho: *A Casa do Futuro* (c.: 148).  
Aluno(a): Rodrigo Canelas.

Trabalho: *A Casa Subterrânea* (c.: 149).  
Aluno(a): Teresa Rocha.

Trabalho: *A Mansão do Paraíso dos Sonhos* (c.: 150).  
Aluno(a): Tomás Craveiro.

Trabalho: *Casa Simplificada* (c.: 151).  
Aluno(a): Yara Termas.

Trabalho: *Mansão Frade* (c.: 152).  
Aluno(a): Rodrigo Frade.

Escolaridade/turma: 5.º D

Trabalho: *Casa de Paus* (c.: 153).  
Aluno(a): Ana Madeira.

Trabalho: *Casa dos Mc* (c.: 154).  
Aluno(a): Ariana Mezei.

Trabalho: *Casa de Raios Solares* (c.: 155).  
Aluno(a): Beatriz Nunes.

Trabalho: *Casa de Praia* (c.: 156).  
Aluno(a) Bianca Monteiro.

Trabalho: *Casa Futuro* (c.: 157).  
Aluno(a): Constança Alves.

Trabalho: *Casa Moderna* (c.: 158).  
Aluno(a): Fernando Silva.

Trabalho: *Casa Humilde* (c.: 159).  
Aluno(a): Tiago.

Trabalho: *Casa Bonita* (c.: 160).  
Aluno(a): Hugo.

Trabalho: *Novo Céu* (c.: 161).  
Aluno(a): Inês Silva.

Trabalho: *Casa...* (c.: 162).  
Aluno(a): Joel Macedo.

Trabalho: *Casa Ecológica* (c.: 163).  
Aluno(a): José Pedro.

Trabalho: *Energia Renovável* (c.: 164).  
Aluno(a): Leonor Ferreira.

Trabalho: *Casa Camuflada* (c.: 165).  
Aluno(a): Mara Antunes.

Trabalho: *Casa do Futuro* (c.: 166).  
Aluno(a): Matilde Oliveira.

Trabalho: *Casa Futuro* (c.: 167).  
Aluno(a): Olívia Kretsul.

Trabalho: *Casa Luxo* (c.: 168).  
Aluno(a): Rafael Pessoa.

Trabalho: *Casa Minissolar* (c.: 169).  
Aluno(a): Rodrigo Matos.

Trabalho: *Casa do XXXTENTATION* (c.: 170).  
Aluno(a): Lde Yoel.

Trabalho: *Casa não sei* (c.: 171).  
Aluno(a): Tiago André Oliveira Simões.

Trabalho: *Casa Novo Mundo* (c.: 172).  
Aluno(a): Tomás Barreiros.

Escolaridade/turma: 5.º E

Trabalho: *Casa dos Camponeses* (c.: 173).  
Aluno(a): Alexandre.

Trabalho: *Casa de Aventura* (c.: 174).  
Aluno(a): Ana Patrícia Pereira Saraiva.

Trabalho: *Casa das Aventuras* (c.: 175).  
Aluno(a): Ana Sofia Sousa Silva.

Trabalho: *Sem nome* (c.: 176).  
Aluno(a): Beatriz de Oliveira.

Trabalho: *Aventura* (c.: 177).  
Aluno(a): Bernardo Rafael Yelos.

Trabalho: *Casa dos Youtubers* (c.: 178).  
Aluno(a): Carine Santos.

Trabalho: *Casa do Lago* (c.: 179).  
Aluno(a): Cristiana Fonseca.

Trabalho: *Casa no Campo* (c.: 180).  
Aluno(a): Daniel Azenha.

Trabalho: *Human House* (c.: 181).  
Aluno(a): Daniel Taborda.

Trabalho: *Teccasa* (c.: 182).  
Aluno(a): Francisco Alves.

Trabalho: *Casa de Piscinas* (c.: 183).  
Aluno(a): Gabriela Semedo Sousa Dias.

Trabalho: *Casa Verde* (c.: 184).  
Aluno(a): Irina.

Trabalho: *Casa de Pedra Futura* (c.: 185).  
Aluno(a): Joana.

Trabalho: *Casa Alegre* (c.: 186).  
Aluno(a): João Moreira.

Trabalho: *Casa dos Pobres* (c.: 187).  
Aluno(a): João Salvador.

Trabalho: *Casas Básicas* (c.: 188.).  
Aluno(a): Zé Pedro.

Trabalho: *Casa do Pinguim* (c.: 189).  
Aluno(a): Leonardo Pereira.

Trabalho: *Pool House* (c.: 190).  
Aluno(a): Mafalda da Silva Duarte.

Trabalho: *A Casa da Felicidade* (c.: 191).  
Aluno(a): Margarida Simões Nascimento.

Trabalho: *A minha Casa do Futuro* (c.: 192).  
Aluno(a): Matilde Martins Oliveira.

Trabalho: *Casa dos Sustos* (c.: 193).  
Aluno(a): Matilde Santos.

Trabalho: *Casa de Lagos* (c.: 194).  
Aluno(a): Santiago Silva.

Trabalho: *Casa Colorida* (c.: 195).  
Aluno(a): Vítor Rodrigues.

Escolaridade/turma: 6.º B

Trabalho: *Casa do triângulo* (c.: 196).  
Aluno(a): Ana Jesus.

Trabalho: *Wh26Hw* (c.: 197).  
Aluno(a): Ana Rita.

Trabalho: *DMAX* (c.: 198).  
Aluno(a): Dalila Cardoso.

Trabalho: *Bandida da Montanha* (c.: 199).  
Aluno(a): David Antunes.

Trabalho: *Casa no Ar* (c.: 200).  
Aluno(a): Diego Ferreira.

Trabalho: *Casa da Água* (c.: 201).  
Aluno(a): Eduardo.

Trabalho: *Casa Flutuante* (c.: 202).  
Aluno(a): Gabriela Simões.

Trabalho: *Casa na Montanha* (c.: 203).  
Aluno(a): Gonçalo Fernandes.

Trabalho: ... (c.: 204).  
Aluno(a): Jéssica Cunha Simões.

Trabalho: *Casa Futurista* (c.: 205).  
Aluno(a): João Pereira.

Trabalho: ... (c.: 206).  
Aluno(a): José Pedro Veiga Lemos.

Trabalho: *Casa Branca* (c.: 207).  
Aluno(a): Laura Amado.

Trabalho: *Casa LX* (c.: 208).  
Aluno(a): Luana Cardoso.

Trabalho: *Barco Poupa Energia* (c.: 209).  
Aluno(a): Rita Neto.

Trabalho: *Casa Caveira* (c.: 210).  
Aluno(a): Rodrigo Fonseca.

Trabalho: *Casa Camuflada* (c.: 211).  
Aluno(a): Sara Almeida.

Trabalho: *Casa MAX* (c.: 212).  
Aluno(a): Tomás Silva.

Trabalho: ... (c.: 213).  
Aluno(a): Verónica Martinho Guilherme.

Trabalho: *Casa Metal* (c.: 214).  
Aluno(a): Vitória Silva.

Trabalho: *Casa Moderna* (c.: 215).  
Aluno(a): Xavier Fernandes.

### Agrupamento de Escolas Coimbra Sul

#### Jardim de Infância do Areeiro

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Anabela Franco.  
Estagiários: Carolina Lourenço (ESEC);  
Carla Santos (ESEC)

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar  
— Turma 1

Trabalho: *Casa das Estrelas* (c.: 043).  
Alunos(as): Bianca, Guilherme, Henrique  
e Mariana.

Trabalho: *Casa Abrigo* (c.: 039).  
Alunos(as): Diogo C., Inês, João, Maria Eduarda  
e Matilde.

Trabalho: *Casa Divertida* (c.: 014).  
Alunos(as): Dinis, Francisco, Magda, Pedro e Sofia.

Trabalho: *Casa Flor* (c.: 038).  
Alunos(as): Diana, Diogo L., Luana, Maria  
e Pedro S.

Trabalho: *Casa Cores* (c.: 026).  
Alunos(as): José, Leonor, Manuel, Margarida  
e Martim.

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Graça Corte-Real  
Estagiários(as): Líliliana Monteiro (ESEC),  
Laura Santos (ESEC)

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar  
— Turma 2

Trabalho: *Casa Redonda* (c.: 027).  
Alunos(as): Ana Francisca, Carlota, Luca,  
Mariana e Martim.

Trabalho: *Casa Brilhante* (c.: 044).  
Alunos(as): Francisco, João Nuno, Lourenço,  
Mafalda e Matilde F.

Trabalho: *Casa Bicuda* (c.: 035).  
Alunos(as): Gustavo, Inês, Leonor F., Vicente M.  
e Vicente S.

Trabalho: *Casa Arco Íris* (c.: 024).  
Alunos(as): Daniel, Diogo, Gonçalo, Maria Ana  
e Neuza.

Trabalho: *Casa Estranha* (c.: 005).  
Alunos(as): Beatriz, Duarte, Leonor P., Matilde F.  
e Rodrigo.

### Agrupamento de Escolas Eugénio de Castro

#### Escola Básica do Dianteiro

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Fátima Rabaça, Raquel Mateus

Escolaridade/turma: 1.º Ciclo

Trabalho: *Casa Chocolateada* (c.: 083).  
Alunos(as): Francisca Alves (2.º ano), Leonardo  
Chelinho (2.º ano), Ana Luísa Francisco (1.º ano).

Trabalho: *Casa do Amor* (c.: 084).  
Alunos(as): Carolina Rosa (2.º ano), Inês Cruz (2.º  
ano), Maria Leonor Matias (1.º ano), Bruno Morais  
(1.º ano).

Trabalho: *Casa Milionária* (c.: 085).  
Alunos(as): Francisca Carreira (2.º ano), Leonor Fi-  
gueiredo (2.º ano), Mariana Silva (2.º ano), Gustavo  
Ferraz (1.º ano).

Trabalho: *Casa Natureza* (c.: 086).  
Alunos(as): Tiago Lourenço (2.º ano), Maria Silva  
(1.º ano), Matilde Pineda (1.º ano).

Trabalho: *Casa Pintalgato* (c.: 087).  
Alunos(as): Ana Francisca Delgado (4.º ano), Jéssica  
Soares (4.º ano), Tiago Ferreira (3.º ano).

Trabalho: *Casa Tecnológica* (c.: 088).  
Alunos(as): Francisco Abrantes (4.º ano), Anamar  
Paulino (3.º ano), Rodrigo Oliveira (4.º ano).

Trabalho: *Casa Multicor* (c.: 089).  
Alunos(as): Sarah Fugareu (4.º ano), Matilde Maia  
(4.º ano), Tiago Rodrigues (3.º ano), Maria Inês Vár-  
zeas (3.º ano).

Trabalho: *Casa Arco-Íris* (c.: 090).  
Alunos(as): Rodrigo Matias (4.º ano), Maria Luísa  
Abrantes (3.º ano), Martim Simões (3.º ano).

### Agrupamento de Escolas da Lousã

#### E. B n.º 1 e Escola Secundária — CAA-SMA

CAA-SM-AEL (Centro Apoio Aprendizagem-Salas  
Mediadoras de Aprendizagem do Agrupamento de  
Escolas da Lousã)  
Professores(as)/Educadores(as) de Infância: Ana  
Simões, Lourdes Antunes, Luís Sequeira, Anabela  
Marques, Fátima Pedrosa

Escolaridade/turma: Educação Especial

Trabalho: *Casita da Serra da Lousã* (c.: 102).  
Alunos(as): Daniel Carinhas (6.º ano), Diana Nu-  
nes (7.º ano), João Costa (7.º ano), José Simões (7.º  
ano), Mariana Costa (7.º ano), Leonardo Bento (8.º  
ano), Jorge Carvalho (7.º ano), Tiago Morais (7.º  
ano), Leonardo Santos (8.º ano), João Cruz (9.º  
ano), David Correia (9.º ano), Ivo Dias (10.º ano),  
Micaela Costa (10.º ano), Maria Plácido (11.º ano),  
Henrique Martins (11.º ano), Tatiana Oliveira (11.º  
ano), Francisca Antão (12.º ano), Simão Antunes  
(12.º ano), Tony Cruz (12.º ano).

**Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo****Escola Básica e Secundária José Falcão**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância: Cláudia Alexandra Dias Fonseca, Ilda Maria Lopes Rodrigues Dias, Maria Dulcinea Freitas Louro

Escolaridade/turma: Educação Especial

Trabalho: *Casa dos Espelhos* (c.: 098).

Alunos(as): Beatriz Ferreira Santos (9.º D), Oriana Soraia Martins Castro (5.º B), Paulino Monteiro (10.º B), Gonçalo Caldeira Pereira (11.º B).

Trabalho: *Bairro Divertido* (c.: 094).

Alunos(as): Ana Francisca Correia Dias (7.º C), Beatriz Baiões Almeida (10.º A), Guilherme dos Santos Caetano (10.º C), João André Rodrigues Pedro (11.º B).

Trabalho: *A Casa do E.T.* (c.: 101).

Alunos(as): Ana Beatriz Neto Rodrigues (5.º C), Bruno Manuel Cunha Martins Fernandes, Jorge Miguel Lima Carvalho (11.º B), Rodrigo Alexandre Simões Correia (10.º C).

Trabalho: *Casa Nova Era* (c.: 096).

Alunos(as): Alexandre Miguel Lima Carvalho (11.º B), Beatriz Alexandra Fátelo dos Santos Matos (11.º B), José Eduardo Anjos dos Santos (12.º A).

Trabalho: *Casa Encantada* (c.: 097).

Alunos(as): Bruno Miguel Gomes Costa (9.º A), Diogo Alexandre Cravo Rodrigues (9.º D), Leandro António Gonçalves Medina (9.º C), Vânia Carina dos Reis Oliveira (8.º C).

Trabalho: *Casa Dourada* (c.: 093).

Alunos(as): António José Campos Aguilar (10.º A), Francisco Simões das Neves (5.º E) João Pedro Carvalho Mendes (10.º B).

**Escola Professor Doutor Ferrer Correia**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância: Cláudia Alexandra Dias Fonseca, Ilda Maria Lopes Rodrigues Dias, Maria Dulcinea Freitas Louro

Escolaridade/turma: 5.º F

Trabalho: *Casa de Natal no Futuro* (c.: 074).

Alunos(as): Iara Rodrigues, Cristiana Almeida, Núria Brandão.

Trabalho: *Casa de Diversão no Futuro* (c.: 076).

Alunos(as): Mafalda Teixeira, José Sousa, Maria Alexandre.

Trabalho: *Casa de Relaxamento no Futuro* (c.: 079).

Alunos(as): Leonor João, Ana Ferreira, Mafalda Teixeira

Escolaridade/turma: 5.º G

Trabalho: *Casa Fantástica* (c.: 081).

Alunos(as): Rodrigo Brandão, Joana Rodrigues, Rafael Francisco.

Trabalho: *Casa dos Sonhos* (c.: 080).

Alunos(as): Vítor Nunes, Bianca Vitória, Mariana Colaço, Martim Correia.

Trabalho: *Casa de Milionários* (c.: 082).

Alunos(as): Mariana Teixeira, Rute Lopes, Frederico Nascimento, João Alves.

Escolaridade/turma: 6.º E

Trabalho: *Casa Cilíndrica* (c.: 077).

Alunos(as): Margarida Brandão, Marisa Marques, Rodrigo Santos.

Trabalho: *A Casa Casino* (c.: 078).

Alunos(as): Sérgio Fernandes, Leandro Carvalho.

Trabalho: *A Casa Voadora* (c.: 073).

Alunos(as): João Lucas, Simão Neves, Francisco Monteiro.

Escolaridade/turma: 6.º F

Trabalho: *A Casa Andante* (c.: 075).

Alunos(as): Leonardo Batista, Rafaela Gil, Miguel Gouveia, Lara Gouveia.

Escolaridade/turma: Educação Especial

Trabalho: *A Casa dos Tubos* (c.: 092).

Alunos(as): David Santos (6.º E), Rúben Espírito Santo (8.º F), Ana Júlia (9.º E), Gabriel Carvalho (9.º F), Inês Duarte (9.º E).

**Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel****Escola Básica de Sargento-Mor**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância: Sónia Alexandra Varelas

Escolaridade/turma: 1.º Ciclo

Trabalho: *Os Futuristas* (c.: 063).

Alunos(as): Carolina Galvão, Benedita Trindade, Alícia Temudo, Afonso Almeida.

Trabalho: *A Estrela Cadente* (c.: 060).

Alunos(as): João Canelas, Joaquim Galvão, Lucas Cardoso, Beatriz Marmé.

Trabalho: *O Futuro* (c.: 062).

Alunos(as): Gonçalo Cadete, Filipe Almeida, Pedro Fernandes Simões.

Trabalho: *Instagold* (c.: 061).

Alunos(as): Maria Câmara, Alexandre Camilo, Sandro Oliveira.

**Associação dos Jardins Escolas João de Deus Coimbra****2.º Jardim-Escola João de Deus Coimbra**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância: Ana Rita Saraiva Moreirinhas

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar

Trabalho: *Casa das Árvores* (c.: 007).

Alunos(as): Afonso, Francisco Gama, Francisco Baptista, Laura, Luísa, Maria Leonor, Miguel Rodrigues.

Trabalho: *Casa Eólica* (c.: 010).

Alunos(as): Vitória, Diogo Mamede, Guilherme, Leonor Nogueira, Margarida, Maria Diz, Mateus.

Trabalho: *Casa das Pedras* (c.: 030).

Alunos(as): Aline, Carlos, Carolina, Diogo Ribeiro, Filipa, Miguel Campos, Sofia Pinto, Sofia Cao.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância: Helena Maria Saldanha Gonçalves

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar, Bibe Azul B (5 anos)

Trabalho: *A Super Casa* (c.: 001).

Alunos(as): Diana Caetano, Rafael Santos, João Galamba, Madalena Violante, Joana Freire, Margarida Bettencourt, Guilherme Gomes, Luís Cristóvão.

Trabalho: *A Casa Diamante* (c.: 025).

Alunos(as): Salvador Marques, Sara Guimarães, Victória Santos, Rodrigo Jorge, Alice Pires, António Morgado, Victória Marques.

Trabalho: *A Casa Voadora* (c.: 041).

Alunos(as): Maria Vitória Neves, Eduarda Simões, Matilde Marques, Gonçalo Quadros, Darius Jauca, Pedro Baptista, Joana Figueiredo.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância: Rita Rodrigues

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar, Bibe Encarnado C (4 anos)

Trabalho: *A Casa Avião* (c.: 022).

Alunos(as): Benedita, Sarah, Felipe, Carlota, Francisco L., Francisco F., Maria M., Maria D. (Educação Pré-Escolar).

Trabalho: *A Casa Foguetão* (c.: 008).

Alunos(as): Inês, Pedro, Bernardo, António, Gonçalo, Tiago M., Tiago S., Duarte F. (Educação Pré-Escolar).

Trabalho: *A Casa Renovável* (c.: 028).

Alunos(as): Duarte Mendes, Sofia F., Eduardo, Míriam, Teresa, Duarte Mascarenhas, Sofia S., Tomás, Margarida.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância:  
Maria Cândida Muacho

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar,  
Bibe Encarnado B (4 anos)

Trabalho: *Casa das Palhinhas* (c.: 017).  
Alunos(as): Sofia K., Gustavo L., Martim A., Aldrich F., Maria Francisca F., Artur A., Santiago M., Kyara P.

Trabalho: *Casa do Mar* (c.: 018).  
Alunos(as): Malu M., Rita F., Gustavo H., Alice A., Érika A., Camila S., Francisca G., Tomás D., Raphael F.

Trabalho: *Casa Foguetão* (c.: 012).  
Alunos(as): Guilherme M., Francisco R., Francisco S., Maria M., Sophia S., Miguel N., Inês S., Gonçalo N.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância:  
Maria do Rosário Lopes Sousa e Reis

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar

Trabalho: *Casa do Tempo* (c.: 031).  
Alunos(as): Ana Leonor, João Manuel, Laura, Leonor, Maria Alice, Mariana, Miguel.

Trabalho: *Casa Fantástica* (c.: 032).  
Alunos(as): Carolina, João Nuno, José Diogo, Lourenço, Madalena, Margarida.

Trabalho: *Casa Helicóptero Estilosa* (c.: 045).  
Alunos(as): Camila, David, Francisco, João Tiago, José Pedro, Lara, Teresa.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância:  
Olga Maria Ferreira Henriques

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar,  
Bibe Amarelo B (3 anos)

Trabalho: *Casa da Horta* (c.: 034).  
Alunos(as): Sofia S., Guilherme, Sofia F., Francisco S., Duarte, Leonor C., Vasco.

Trabalho: *Casa da Árvore* (c.: 020).  
Alunos(as): Constança, Martim A., Leonor Card., Manuel, Carlota, Francisca, Francisco C., Maria Constança.

Trabalho: *Jardins Suspensos* (c.: 016).  
Alunos(as): Maria João, Beatriz, Lourenço F., Matilde, Laura, Lourenço G., Madalena, Rodrigo.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância:  
Maria Fernanda Lopes Sousa

Escolaridade/turma: 1.º Ciclo

Trabalho: *Casa Fantástica* (c.: 059).  
Alunos(as): Afonso, Carlota, Diogo, Francisco, João

Caramujo, Leonardo, Leonor, Mariana.

Trabalho: *Casa Imaginária* (c.: 072).  
Alunos(as): Diego, João Maria, Manuel Alves, Maria Taborda, Maria Antónia, Maria Eduarda, Maria Francisca.

Trabalho: *Casa dos Heróis* (c.: 070).  
Alunos(as): António, Francisca, Manuel Rebelo, Margarida, Maria Pedro, Maria Rita.

Professores(as) /Educadores(as) de Infância:  
Sónia Cristina de Campos Simões

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar,  
Bibe Encarnado A (4 anos)

Trabalho: *Casa Voadora* (c.: 011).  
Alunos(as): Afonso O., Bernardo A., Daniel M., Duarte H., Duarte M., Gonçalo G., Victória S.

Trabalho: *Casa Ecológica* (c.: 049).  
Alunos(as): Carolina A., Diogo C., Gabriela S., Inês S., Maria M., Rafael A., Tomás M.

Trabalho: *Casa Solar* (c.: 046).  
Alunos(as): Bárbara L., Cristiana D. Carmo M., João G., Maria R., Maria L., Maria G., Victor G., Vicente D.

### Jardim-Escola João de Deus de Alhadadas

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Margarida Duarte

Escolaridade/turma: 1.º e 2.º ano

Trabalho: *Inovar é o Futuro* (c.: 067).  
Alunos(as): Diogo Oliveira, Inês Rei, Inês Ferreira, Joel Vaz, Manuel Dias, Miguel Ribeiro, Rodrigo Basílio, Simão Cação, Luna Ligeiro, Martim Rodrigues, Salvador Rodrigues.

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Miguel Nuno Silva Lopes

Escolaridade/turma: 3.º e 4.º ano

Trabalho: A "CASA-FUTURO" da minha Terra...  
(c.: 066).

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Maria de Fátima Brito Carvalho

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar,  
Azul (5 anos)

Trabalho: *Futurasa* (c.: 036).  
Alunos(as): Afonso Madaleno, Alexandra Ferreira Ana Ribeiro, António Patrão, Beatriz Basílio, Bernardo Antunes, Constança Rodrigues, Eduardo Santos, Francisco Figueiredo, Francisco Oliveira, Iara Gil, Joana Martins, M. Francisca Azul, M. Leonor Ramos, Mariana Ramos, Ruben Martins, Tiago Domingues.

### Colégio Nossa Senhora da Paz

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Cláudia Azevedo, Luísa Cruz, Inês Martins

Escolaridade/turma: 1.º Ciclo

Trabalho: *Super Estrela* (c.: 057).  
Alunos(as): Gonçalo Monteiro, Francisco Marçal, Carlos Rodrigues, Diana Silva, Marina Mesquita.

Trabalho: *Casa Ecológica* (c.: 055).  
Alunos(as): Matilde Santos, Catarina Almeida, Leandro Lopes, Teresa Rocha, Mário Rodrigues.

Trabalho: *Casa para ir ao Espaço* (c.: 054).  
Alunos(as): Leonor Cunha Isabel Cruz, Inês Santos, Rui Bessa, Vicente Torres, Inês Pinto.

Trabalho: *Flores Cadentes* (c.: 053).  
Alunos(as): Rodrigo Silva, Matilde Gama, Benjamim Heard, Dinis Wei, Dawid Pereira.

Trabalho: *Casa Mágica* (c.: 058).  
Alunos(as): Ana Rita Almeida, Daniel Lopes, Lourenço Chão, Tomás Custódio, Miguel Silva.

Trabalho: *Planeta Terra* (c.: 056).  
Alunos(as): Afonso Castro, Beatriz Trigo, Joaquim Nascimento, Leonor Maia.

Trabalho: *Casa Tecnológica* (c.: 052).  
Alunos(as): Maria Heard, João Figueira, João Bernardo Amado, Bernardo Mesquita, Simão Almeida, Mário Santos.

**Fundação Bissaya Barreto****Casa da Criança Rainha Santa Isabel**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Ana Filipa Almeida de Oliveira Henriques

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar  
(3, 4 e 5 anos)

Trabalho: *Casa das Flores* (c.: 047).  
Aluno(a): Esmeralda.

Trabalho: *Casa R M* (c.: 019).  
Aluno(a): Rui Miguel.

Trabalho: *Casa do Sol* (c.: 029).  
Aluno(a): José Maria.

Trabalho: *Casa Balanço* (c.: 050).  
Aluno(a): Maria Rita.

Trabalho: *Casa da Energia* (c.: 002).  
Aluno(a): Francisco Pereira.

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Paula Gamboa

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar  
(4 e 5 anos)

Trabalho: *Casa Cortiço* (c.: 048).  
Aluno(a): João Miguel.

Trabalho: *Casa Unicórnio* (c.: 023).  
Aluno(a): Beatriz.

Trabalho: *Casa Gruze* (c.: 003).  
Aluno(a): Bruno.

Trabalho: *Casa Transparente* (c.: 033).  
Aluno(a): Simão.

Trabalho: *Casa Balão* (c.: 040).  
Aluno(a): Bernardo.

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Teresa Sales

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar (3 anos)

Trabalho: *Casa da Praia* (c.: 015).  
Aluno(a): António Maria.

Trabalho: *Casa da Luz* (c.: 004).  
Aluno(a): Simão Maia.

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Ana Filipa Almeida de Oliveira Henriques;  
Teresa Sales

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar  
(3 e 6 anos)

Trabalho: *Casa M N* (c.: 042).  
Alunos(as): Mihail e Nectária.

**Casa da Criança Maria Granado**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Diana Pinto, Solange Morais, Telma Neves

Trabalhos: *Casa da Criança Maria Granado para famílias* (c.: 009); *Floresta Casa da Criança Maria Granado para famílias* (c.: 013); *Horta Casa da Criança Maria Granado para famílias* (c.: 006).

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar (4 anos)

Alunos(as): Marta Cardoso, Paulo Paquete, Leonor Morais, Lucas Tiago, Pedro Palma, Alcía Simões, Pedro Fonseca, Sofia Almeida, Maria Oliveira, Madalena Castanheira, Dinis Almeida, Miguel Carreira, Victória Marques, Daniel Silva, Matilde Mota, Simão Afonso, Tomé Nabo, Guilherme Cabral, Diogo Reis, Sara Veríssimo, Rita Costa, Francisca Bernardes, Beatriz Nogueira, Diogo Vaz, Miguel Ferreira.

Escolaridade/turma: Educação Pré-Escolar (5 anos)

Alunos(as): João Ferreira, Guilherme Batista, Santiago Neto, Ana Carolina Vaz, Lia Gonçalves, Miguel Vilela, Maria Inês Areias, Matilde Pimenta, Gustavo Penetra, Miguel Sousa, Vasco Gonçalves, Mateus Gonçalves, Helena Roque, Nikita Yarotskiy, Benedita Silva, Mercês Vicente, Gustavo Oliveira, Leonor Aleixo, André Gonçalves, Eva Moreno, Laura Ataíde, Rodrigo Rodrigues, Teresa Neves, Tiago Melo.

**Colégio Bissaya Barreto**

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Maria João Simões Alves

Escolaridade/turma: 2.º ano A

Trabalho: *Casa dos Amigos* (c.: 069).  
Alunos(as): Júlia Caninhas, Pedro Sequeira, Duarte Rendeiro, Afonso Matos, Vasco Varandas.

Trabalho: *Uma casa espetacular* (c.: 071).  
Alunos(as): Beatriz Oliveira, Bernardo Nunes, Ricardo Carvalho e Afonso Rosa.

Trabalho: *Casa Reciclável* (c.: 065).  
Alunos(as): Pedro Alarcão, Vasco Ferreira, Gabriel Canhão, Matilde Ferreira.

Trabalho: *A Casa Mágica* (c.: 064).  
Alunos(as): António Morgado, Filipa Estronca, Ana Almeida, João Matos, Carolina Sousa.

Trabalho: *Casa das Estrelas* (c.: 068).  
Alunos(as): Diana Branco, Francisca Jorge, João Vasconcelos, Francisco Costa.

Professores(as)/Educadores(as) de Infância:  
Marisa Pires

Escolaridade/turma: 9.º ano A

Trabalho: *O teu futuro aqui* (c.: 099).  
Alunos(as): Joana Reis, Rita Santos, Matilde Godinho.

Trabalho: *Friend house* (c.: 103).  
Alunos(as): Bruno Correia, Martim Correia, Gonçalo Castelhana.

Trabalho: *Flying house* (c.: 106).  
Alunos(as): António Plácido, José Morgado, Bernardo Vasa.

Trabalho: *Puro futuro* (c.: 091).  
Alunos(as): Mafalda Moita, Matilde Silva, Sofia Sacadura.

Trabalho: *O que nos espera* (c.: 095).  
Alunos(as): Maria João Costa, Daniela Simões.

Trabalho: *New generation* (c.: 104).  
Alunos(as): Maria Helena Amado, Maria Ana Vasconcelos, Maria Francisca Fonseca.

Trabalho: *The house light renovator* (c.: 105).  
Alunos(as): Constança Ribeiro, Gonçalo Rodrigues, Bernardo Cabral.

Trabalho: *Casa — carro — barco* (c.: 107).  
Alunos(as): David Forte, Mário Simões, Manuel Santos.

Trabalho: *Gaming house* (c.: 100).  
Alunos(as): Tomás Çaçoete, José Vicente, Francisco Pereira.

Trabalho: *Casa anfíbia* (c.: 108).  
Alunos(as): Francisca Ferreira, Diogo Lourenço, José Simões.

# Formadores

## FORMADORES

### Álvaro Domingues (Melgaço, 1959)

Geógrafo, doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) em 1994. Desde 1999, é docente do mestrado integrado e do curso de doutoramento e membro do Conselho Científico da FAUP. Como investigador do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo (CEAU) da FAUP, tem desenvolvido uma atividade regular de investigação e publicação no âmbito de projetos com a Fundação Calouste Gulbenkian, com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN) e do Centro (CCDRC), com a Xunta da Galiza, com a Escola Técnica Superior de Arquitectura de A Coruña, com a Erasmus University of Rotterdam-EURICUR, com o Club Ville Aménagement, Paris; com o Centre de Cultura Contemporània de Barcelona (CCCB), com a Escola Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, com a Universidade de Granada — Planeamento e Urbanismo, com as Universidades Federais de S. Paulo e do Rio de Janeiro, com as Universidades do Minho e de Coimbra, com os municípios de Guimarães e Porto, com a Ordem dos Arquitetos, com a Fundação de Serralves e a Fundação da Juventude, entre outros. No CEAU-FAUP a sua atividade centra-se na Geografia Humana, Paisagem, Urbanismo e Políticas Urbanas, quer em termos de investigação, quer em termos de assessoria externa e formação.

### Cláudia Pires (Coimbra, 1968)

Frequência da Licenciatura em Animação Socioeducativa da Escola Superior de Educação de Coimbra (2009/2011). Concluiu o Curso Técnico de Cerâmica na Arca-ETAC em 1992. Formadora desde 1998 nas diversas áreas de animação e artes plásticas, tendo trabalhado com o Centro de Paralisia de Coimbra, APPACDM, Arcil, Câmara Municipal de Coimbra, Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Cearte, Caritas, Inovinter, Caspae, entre outros. Coordenadora de artes do Centro Cultural D. Dinis da Universidade de Coimbra de 2011 a 2013, estando presentemente a trabalhar no núcleo de apoio e aconselhamento. Coordenadora de artes do Espaço Partícula de 2014 até à presente data. Artista Educadora no Portugal dos Pequenitos.

### Cristina Camargo (Lisboa, 1953)

Artista plástica, licenciada em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e em Design Industrial pela Escola de Artes e Design de Matosinhos. Desenvolve projetos criativos com públicos diversificados, como os das escolas de todos os graus de ensino, universidades seniores, hospitais, Museu de Serralves, Museu do Douro, Câmaras Municipais, entre outros. Pertence, desde 1992, ao grupo Kunstfelder, formado por artistas portugueses, holandeses e alemães, com encontros e simpósios em ambiente rural. É coordenadora e responsável das atividades do Espaço BOA — Bombarda Oficina de Artes, Porto, nas áreas de artes plásticas, escrita criativa, expressão corporal, teatro, dança contemporânea, entre outras, para públicos a partir dos 6 meses.

### Elvira Leite (Porto, 1936)

Pintora, professora aposentada do ensino público, formadora, arte-educadora, investigadora no campo da educação artística e metodologia de trabalho por projetos. Como pintora, trabalha em ateliê próprio e está representada em coleções nacionais. Como arte-educadora concebe espaços de prática criativa para crianças, adolescentes, jovens e adultos. É programadora de projetos, envolvendo a arte, dirigidos a diferentes públicos, de diferentes idades e diferentes contextos socioculturais. Consultora da UNESCO, exercendo a atividade de Conselheira na área de “Educação Artística”, no âmbito do Projeto BAD/UNESCO, 707/CVI/10-PRESE, Cabo Verde. Fornece orientação científica e metodológica e elaborou comentários técnicos sobre conteúdos curriculares para o Ministério da Educação apresentados em 1993/1994. Consultora sobre arte e educação em várias instituições culturais nomeadamente no Serviço Educativo da Fundação de Serralves de 1999 a 2014 e no Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos desde 2017.

### Fátima Miranda (Castelo Branco, 1971)

Vive em Coimbra. Psicóloga Clínica de formação, trabalhou 13 anos num programa de prevenção do trabalho infantil, um projeto em que se valorizava o saber-fazer e as experiências plásticas como fatores de motivação e aprendizagem, o que a inspirou a realizar formações ao nível artístico e artesanal.

Desde 2013, tem vindo a desenvolver uma atividade artística regular ao nível da criação e manipulação têxtil e a aprofundar as competências formativas e pedagógicas, orientando oficinas e formação para vários públicos.

### Melânia Ramos (Coimbra, 1976)

Licenciou-se em Estudos Teatrais, obteve mestrado em Dramaturgia e Encenação na Universidade de Évora/Teatro Meridional de Lisboa. Desenvolve a sua atividade profissional como Diretora Artística do Manga Theatre (Lisboa/Bristol) e como Artista-Educadora convidada pelo Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos (Coimbra). Foi Técnica de Luz no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) da Universidade de Coimbra, fez Assistência de Encenação e de Produção, criou Projetos de Iluminação Cénica para espetáculos díspares de dança, música e teatro. Deu formação em Luminotecnia, Teatro e Expressão Dramática para crianças e adultos na Escola de Artes do Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz, na educação pré-escolar e no 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

### Nélia Zacarias (Enxames, Fundão, 1985)

Licenciada em Design Multimédia na Universidade da Beira Interior. Em 2011, prestou provas de mestrado em Criação Artística Contemporânea na Universidade de Aveiro. Em 2013, trabalhou como assistente de produção na Associação Corpodehoje, estrutura residente, à época, no CAE da Figueira da Foz. Desde 2017, colabora com o serviço educativo do Portugal dos Pequenitos na realização de oficinas de cianotipia. Em 2015, participou no projeto Pequenos Artistas na execução de oficinas vocacionadas para crianças, na área das artes visuais. Atualmente, promove o projeto, da sua autoria, Imagina — oficinas criativas, que desenvolve oficinas de cianotipia, *stop-motion* e artes plásticas. Colabora também com associações culturais, quer na concretização de oficinas, quer no apoio à produção.

### Pedro Providência (Coimbra, 1969)

Coordenador do Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos desde 2017. Foi Professor Auxiliar e Diretor do curso de arquitetura na Escola Universitária de Artes de Coimbra. Em 2014, apresentou provas de doutoramento em Arquitetura, na Universidade de Coimbra — especialidade em Arquitetura e Construção, com o tema de estudo: “Bases para um Plano de Ação da Salvaguarda dos Revestimentos e Acabamentos Tradicionais em centros históricos — o caso de estudo do Plano de Cor do Centro Histórico de Coimbra”.

### Empresas participantes

#### EcoXperience

É uma *spinoff* da Universidade de Coimbra que desde 2016 procura sensibilizar e educar as crianças para a preservação do meio ambiente através da reciclagem de resíduos, em particular a reciclagem do óleo alimentar usado.

Uma equipa jovem e dinâmica, composta por elementos com formação superior multidisciplinar e com vasta experiência em lecionar oficinas interativas para crianças.

#### Talkie-Walkie

A Talkie-Walkie apropria-se do conceito “Educação pela Arte” para acrescentar a Educação pela Arquitetura. Art&Arch Education é um meio de conceber e implementar um conjunto de ações de curta e longa duração que permite aos participantes debater e tornarem-se cidadãos mais conscientes dos territórios e lugares onde vivem e atuam. Os métodos de transmissão dos conceitos são adaptados aos diferentes públicos, com os quais se desenham projetos, uns mais lúdicos outros mais teóricos, uns mais de deriva, outros mais cartografados. Nos percursos, realizam-se mapas mentais, cadernos de viagens e respigam-se objetos deixados para trás. Nas oficinas constroem-se novas espacialidades e desconstroem-se as existentes. Não se brinca aos arquitetos só porque sim, pois as casas não têm todas as mesmas formas e nem todos vivemos de igual modo. A Arte continuará sempre presente nos conteúdos da Talkie-Walkie, pois é libertadora e para todas as infâncias!

### FICHA TÉCNICA

Projeto Criar com Escolas

CASA-FUTURO

Novembro de 2018 a outubro de 2019

#### Coordenação:

Pedro Providência

#### Consultoria:

Elvira Leite

#### Convidados da formação para professores:

Álvaro Domingues

Elvira Leite

#### Artistas e monitores:

Cláudia Pires

Cristina Camargo

Fátima Miranda

Melânia Ramos

Nélia Zacarias

Pedro Providência

EcoXperience

Talkie-Walkie

#### Serviço Educativo:

Pedro Providência

Elisabete Lopes

Lúisa Côte-Real

#### Estagiários:

Gema Espinosa

Ricardo Dias

Diana Costa

### EXPOSIÇÃO

CASA-FUTURO

Portugal dos Pequenitos

31 de maio—13 de outubro de 2019

#### Conceção:

Pedro Providência

#### Montagem e Produção:

Serviço Educativo

Serviço de Obras e Manutenção da Fundação

Bissaya Barreto

#### Imagem:

AM

### PUBLICAÇÃO

#### Conceção:

Pedro Providência

#### Conceção gráfica:

AM

#### Edição e revisão de provas:

Victor Ferreira

#### Créditos fotográficos:

Paulo Bernaschina

#### Pré-impressão, impressão e acabamento:

Multitema, comunicação digital, Lda.

#### ISBN:

978-989-8485-06-9

#### Depósito Legal:

...

#### Data de edição:

© 2019 Fundação Bissaya Barreto, Coimbra

© dos textos e imagens: os autores

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópias, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores.

### AGRADECIMENTOS

Centros de Formação Associados de Escolas do distrito de Coimbra — Beira Mar, Coimbra Interior, Minerva e Nova Ágora.

# CASA-FUTURO

Projeto Criar com Escolas 2018/2019

Serviço Educativo do Portugal dos Pequenitos  
Fundação Bissaya Barreto  
tel.: 239 801170/239 441715  
e-mail: [servicoeducativo@fbb.pt](mailto:servicoeducativo@fbb.pt)  
site: <http://www.fbb.pt/pp/servico-educativo>  
facebook: <https://www.facebook.com/SEducativoPP>



SERVIÇO EDUCATIVO  
PORTUGAL DOS PEQUENITOS

